

REVISTA EDIÇÃO Nº 98 | AGOSTO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Distribuição Gratuita

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

O LEGADO DE

Monteiro Lobato

CONFIRA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM
RICARDO MONTEIRO LOBATO, SEU BISNETO

ÍNDICE

CONTEÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Entrevista com Ricardo Monteiro Lobato, autor e bisneto de Monteiro Lobato, pág. 06**
- Invólucro, paixão e verdade, por Gustavo Izídio Silva, pág. 12**
- Observando meus vizinhos, por Meire Marion, pág. 17**
- Poema: Trem difícil, por Bert Jr., pág. 19**
- Divisa, por Bert Jr., pág. 21**
- Raul Pompeia: Mínimo, múltiplo, incomum, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 26**
- Poema: O roubo do poente, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 29**
- Programação Semana Euclidiana 2023, por Márcia Villaça da Rosa, pág. 30**
- Poema: Horizonte relativo, por Sellma Luanny, pág. 33**
- Percepção, reação e ação, por Carlos Batista, pág. 34**
- Dicas para leitura, pág. 36**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pá. 37**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 41**
- A eternidade das lembranças, por Roberto Ferrari, pág. 45**
- Poema: Saudades do meu passado, por Roberto Ferrari, pág. 47**
- Entrevista com Ana kekligian, pág. 53**
- Entrevista com Ben Franz, pág. 60**
- Entrevista com Leonardo Galvão, pág. 64**
- Entrevista com Paulo Tavares, pág. 69**
- Citações de grandes autores, pág. 74**
- Conto: O último homem, por Ademir Pascale, pág. 80**
- Conto: O horror do Oni, por Ney Alencar, pág. 91**
- Conto: O molusco abominável, por Ney Alencar, pág. 96**
- Conto: Os olhos da bruxa, por Ney Alencar, pág. 102**
- Conto: Pichação, por Idicampos, pág. 107**
- Conto: O amigo, por Iraci J. Marin, pág. 109**
- Conto: Amizade diferente, por Mónica Palacios, pág. 113**
- Conto: Nazistas em Granada, por B. B. Jenitez, pág. 115**
- Conto: A criação do homem, por Roberto Schima, pág. 121**
- Mídia Kit, pág. 129**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 130**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MONTEIRO LOBATO

"Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele."

EVA FURNARI

"Atrás de uma bruxa quase sempre há uma fada."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

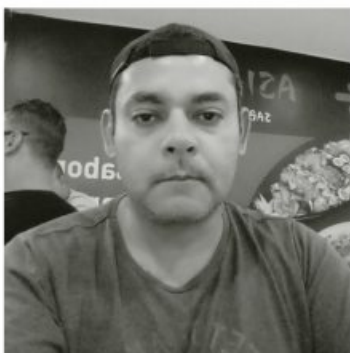
EDITORIAL

Querido leitor,

Nossa edição de agosto destaca Ricardo Monteiro Lobato, bisneto de Monteiro Lobato e autor, com coautoria de Andréia Sanchez, do livro *Emilia e Visconde em Nosso Amigo João de Barro*, uma história inspirada na obra *O Saci* (1921 - Monteiro Lobato). Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos sobre o universo dos livros. Para saber como participar da nossa edição de setembro/2023, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: [clique aqui](#).

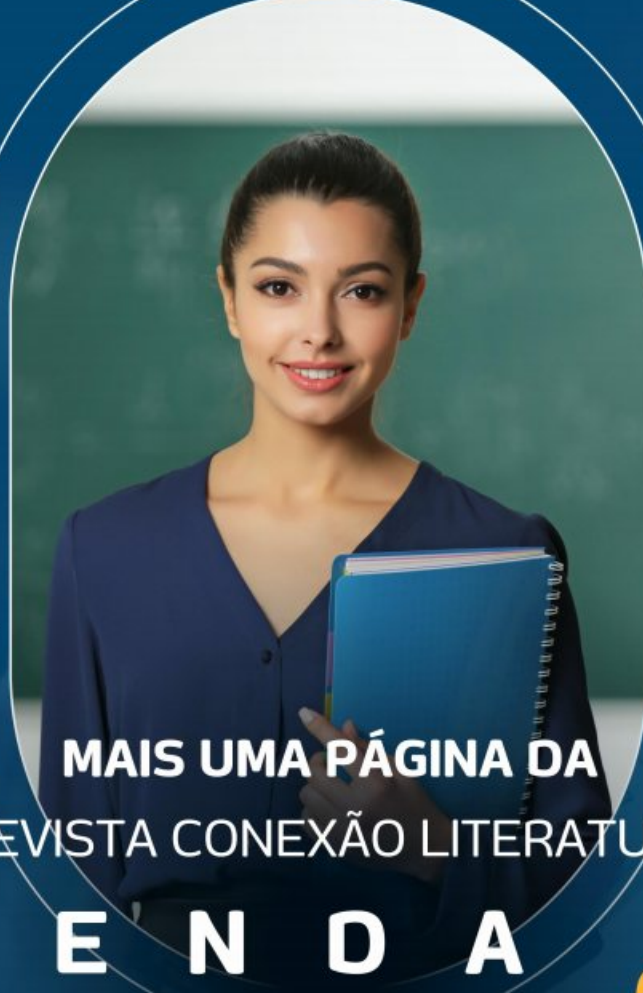
Tenha uma ótima leitura!



ADEMIR PASCALE
EDITOR

Email: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA



ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA



RICARDO MONTEIRO LOBATO
AUTOR

ANDRÉIA SANCHEZ
AUTORA

ENTREVISTA

COM RICARDO MONTEIRO LOBATO,
AUTOR E BISNETO DE
MONTEIRO LOBATO



Ricardo Monteiro Lobato, é Brasileiro, natural de SP, nasceu em 1971, tem dois filhos e dois enteados, e é casado com Andreia Sanchez. Apaixonado por carros desde muito pequeno, assim como pelo cinema e pela música. Na vida e na profissão, sempre procurou unir a paixão ao trabalho.

Empresário por profissão há mais de 30 anos, o bisneto de Monteiro Lobato, aos 50 anos, teve um encontro prazeroso com a escrita. Fato esse que já lhe rendeu histórias memoráveis, entrelaçadas pela magnífica obra de seu Bisavô.

Conexão Literatura: Como bisneto de Monteiro Lobato, quando e como foi o seu primeiro contato com o Sítio do Picapau Amarelo?

Ricardo Monteiro Lobato: Minha mais remota lembrança em relação ao sítio, são as histórias contadas pela minha mãe, antes de dormir. A lembrança mais viva e presente em minha memória, é relacionada ao sítio da TV Globo, nos anos 70 e 80. Não perdia um capítulo, foi um programa genial, que encantou toda uma geração!

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a importância das obras de Monteiro Lobato?



Ricardo Monteiro Lobato: Meu Bisavô foi o pioneiro em escrever para crianças, onde em seus livros deram voz e vez a elas, através de personagens que até hoje, são icônicos nesse sentido. Isso em uma época, onde opinião de criança não tinha espaço para ser manifestada. Lobato tratava as crianças como seres pensantes que são, como se fossem miniadultos. Seus livros encantaram diversas gerações e continuam encantando até os dias de hoje, mais de 100 anos após o lançamento do seu primeiro livro infantil, A Menina do Narizinho Arrebitado.

Em suas histórias, Lobato fazia as crianças viajarem, de uma maneira muito lúdica, através do pirlimpimpim. Juntamente com os personagens do Sítio, elas podiam ir a muitos lugares e

conheciam de perto personalidades da história, da mitologia grega, das fábulas, tudo isso, em um cenário que elas conheciam muito bem: Um sítio, no Brasil.

Conexão Literatura: Você possui alguns objetos importantes de Monteiro Lobato em sua coleção. Qual deles mais desperta a sua atenção e por quê?

Ricardo Monteiro Lobato: Sim, dentre aquarelas e telas pintadas por ele, fotos inusitadas de família, e alguns objetos pessoais, o que mais me encanta é a máquina de

escrever Remington portátil, máquina em que Lobato escreveu grande parte de sua obra! A máquina está em perfeito funcionamento e tem uma energia incrível!

Conexão Literatura: Em co autoria de sua esposa Andreia, você escreveu o livro infantil "Emília e Visconde em Nosso Amigo João de Barro". Poderia comentar?

Ricardo Monteiro Lobato: Sim, esse livro nasceu como uma grande homenagem ao meu Bisavô. Eu e minha esposa Andreia, criamos uma nova história, que teve como inspiração, um trecho do livro O Saci, de 1921, onde Lobato, através da irreverente Emília, nos traz uma divertida passagem envolvendo o João-de-Barro.

Em nossa história, Emília e Visconde, através do pirlimpimpim, fazem uma visita a casinha da família João de Barro, onde contamos para as crianças, através do olhar dos personagens, como é a vida desse pássaro tipicamente Brasileiro. É uma história onde falamos de família, natureza, amizade, respeito, de uma maneira bem lúdica.

Esse é o primeiro, de uma coleção de 5 livros que estamos escrevendo, o segundo está sendo produzido e em breve será lançado.

Conexão Literatura: Como os leitores poderão adquirir o livro?

Ricardo Monteiro Lobato: Quem tiver interesse em adquirir um exemplar, pode nos contatar pelas redes sociais do Viva Lobato, @viva.lobato no instagram, ou comprar no site da Amazon Brasil.

Conexão Literatura: Em Mairiporã, interior de São Paulo, existe um espaço temático do Sítio do Picapau Amarelo. Poderia comentar?

Ricardo Monteiro Lobato: Até onde sei, o contrato de licenciamento para uso de imagem e personagens desse local, não foi renovado. Não tenho mais informações. O que posso compartilhar com vocês, é que em breve, na região de Atibaia, será inaugurado um novo espaço temático do Sítio, com previsão para o segundo semestre de 2024.

Conexão Literatura: Francis Saka levou Lobato à comunidade de brasileiros no Japão, sendo que você e sua esposa puderam assistir a representação dos atores no teatro. Conte mais para os nossos leitores sobre essa peça teatral e o que você sentiu vendo a obra de Lobato sendo representada tão longe do Brasil.

Ricardo Monteiro Lobato: Foi um momento mágico e inesquecível, que guardaremos em nossa memória afetiva de uma forma muito carinhosa! Francis nos deu um enorme presente: ter a oportunidade de assistir nossa história, no formato de peça teatral, materializando nossos personagens, foi sensacional! Com toda certeza posso dizer também que esse foi um presente para todos os Brasileiros que tiveram a oportunidade de assistir, pois ouvimos e recebemos inúmeros relatos emocionados após o espetáculo.

A peça continua sendo apresentada em escolas Brasileiras no Japão, o que também nos deixa muito realizados e felizes!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado poderá saber mais sobre Monteiro Lobato, você e seus projetos?

Ricardo Monteiro Lobato: Hoje nosso canal de divulgação e comunicação é o instagram, mas a base principal do que construímos até aqui, foi através das pessoas que encontramos e nos diversos eventos que já realizamos em teatros, hotéis, feiras literárias, rodas de conversas, bibliotecas, e escolas.

Nossos projetos tem como proposito central a perpetuação da vida e obra de Monteiro Lobato, bem como contribuir no ensino escolar, em especial, da primeira infância, através da obra que estamos desenvolvendo. Nesse sentido, nos sentimos imensamente felizes em ver que já temos sementes plantadas nesse campo (nosso primeiro livro infantil foi adotado como paradidático em escolas do Vale do Paraíba, esse ano).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ricardo Monteiro Lobato: Assim como Lobato sonhou e realizou muitos dos seus sonhos, nós também estamos sonhando... E alto (risos)! Além do viés literário, a Viva Lobato, traz em seu DNA a cultura, educação e arte. Com isso, temos alguns projetos já desenhados na linha de brinquedos e produtos. Esperamos em breve estar aqui novamente falando mais sobre eles.

Perguntas rápidas:

Um livro: O que estamos escrevendo agora.

Um (a) autor (a): Monteiro Lobato

Um ator: Brasileiro Antônio Fagundes, Estrangeiro Al Pacino

Um filme: O Poderoso Chefão

Um dia especial: O Nascimento dos meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Monteiro Lobato: Lobato sempre foi um grande incentivador de todos os meios de comunicação, em especial da escrita. Nesse sentido, não posso deixar de ressaltar o trabalho que vocês, redatores, editores e jornalistas fazem. Agradeço o espaço e o convite para falar um pouco sobre nossos projetos e desejo que cada vez mais, novos escritores possam estar aqui compartilhando seus trabalhos. O Brasil precisa e merece ser também destaque nesse campo, pois temos muitos talentos já revelados, mas principalmente inseridos nas futuras gerações e é por elas, que estamos aqui.

“Tudo é loucura ou sonho no começo, nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira. Mas já tantos sonhos se realizaram, que não temos o direito de duvidar de nenhum.” M.L

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Feliz

DIA DOS

PAIS





LITERATURA

Invólucro, Paixão e Verdade

Por Gustavo Izidio
Silva

“Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Minha vida não tem sentido apenas humano, é muito maior.”. A paixão segundo G.H.

Às vezes, basta-nos uma barata em movimento vivo, e no entanto tão próxima da morte, para romper com aquilo que fracamente designamos coragem. Tenho coragem? A pergunta perde consistência quando à nossa frente, toda límpida, seca e viva, toma forma nossa mais terrível

abominação. Mas nossa montagem humana foi composta para superá-la: basta que nosso medo seja invisível para ignorá-lo, basta que uma camada fina e empoeirada o cubra de cima a baixo e o retire de nossa campo de visão; basta que caminhemos sôfregos e de passo cuidadoso para nunca pisarmos com força e violência naquilo que mais tememos. Caso contrário, se abarcará, nosso peito, de vida; e se acabarmos por gostar de viver?

Inteiramente deslocada e ausente de sua terceira perna, imagem simbólica da inutilidade que à repelia do mundo e a deixava em tranquila segurança, G.H., a protagonista de *“A paixão Segundo G.H.”* de Clarice Lispector, narra ao leitor seu atual estado de vida após os inquietantes momentos passados numa parca manhã no quarto da empregada Janair. Frívola, sem atrativos, alheia à realidade e distante de sua própria vida, G.H vivia tranquila e solitária na cobertura de seu apartamento, às tontas com os trabalhos de escultura, que os fazia bem feitos e com imprecisa regularidade. “(...) a mim se referem como a alguém que faz esculturas que não seriam más se tivesse havido menos amadorismo. Para uma mulher essa reputação é socialmente muito”. E essa mesma mulher, que bastava a superfície dos dedos e a superfície do miolo de pão para chegar à forma do que bem entendesse; essa mesma figura, que tinha bem nítidos os cômodos de sua casa, cada qual antecipando o próximo, nunca com surpresa ou descontrole, “O apartamento me reflete”; essa mesma célebre e desinteressante G.H., acreditando estar em segurança consigo mesma, vai se aproximar calma e furiosamente da vida em movimento, do próprio cerne, da própria gênese do mundo e de si mesma.

Altiva e suave, ela derruba o cigarro da varanda e se permite vê-lo cair por quedas e mais quedas de civilização. É um presságio: toda ela cairá em desmonte sonolento e perigoso; terá suas estruturas aparentemente sólidas em rompimento e sangue. “Eu sabia que tinha de admitir o perigo em que eu estava”. Com uma imagem própria de sua casta e de sua parca consciência do mundo, G.H. decide organizar o desorganizado do quarto de Janair, a antiga empregada. Porém, o mais terrível sucedera: o ambiente estava limpo e cheio de uma vibração suave, tudo organizado e em ordem; três malas visíveis a um canto, com as iniciais de G.H. marcadas em relevo; e na parede, riscados à seco com carvão por Janair, três figuras de simples contornos e sem profundidade: um homem, uma mulher e um cão. O ódio silencioso retratado nas figuras todas nuas e sem rosto, as formas delineadas com precisão, o reflexo inimaginável de si mesma nos três desenhos aparentemente distantes entre si causou perturbação em G.H., não maior que aquela da qual todavia não se dera conta, mas que já lhe inquietava: dentro do seco e vazio guarda-roupa, marchava solene uma barata velha e cascuda.

Em seu arcaico horror de baratas, G.H. se imobilizou toda em frêmito e medo: “É mais do que não gostar de baratas. Eu não as quero”. Envolvida, de olhos fixos, G.H. assume pela primeira vez um sentimento de catástrofe, coragem e ódio: caso empurre, com a menor das forças, a porta do guarda-roupa, a barata fatalmente morrerá. Mas ao fazer uso de seu desconhecido poder, o resultado não lhe agrada: a barata inquieta-se suspensa, viva, mas à beira da morte; seu lado estraçalhado pela porta vai se esfacelando e permitindo a saída, milímetro por milímetro, de uma matéria branca e opaca. Com horror e fascínio, G.H. percebe em que caminho irrevogavelmente se encontra: o mundo lhe oferecia, em hecatombe e corpo morto de barata, a matéria viva de que é feito; o neutro, o inexpressivo, aquilo a que a linguagem não alcança, mas que com verdade se afirma no nosso interior.

E nessa bifurcação de identidades e desmoronamentos de civilização, com a areia dos desertos, cavalos, escombros e tamborilar de tambores, a Paixão que alcunha majestosamente o título da obra é o elemento transgressor que dá parto à uma nova vida pura, imunda e potente. A Paixão é o neutro, a matéria viva de que se faz o mundo e a própria vida humana. A Paixão é o que somos. É o que devemos ser.

Desatenta, ela tropeça, resvala no chão e constata: as forças do quarto não a permitem retirada. Ela finalmente estava no “é” da coisa, no presente da vida que sempre repelimos ou escondemos. Ela finalmente entrava no quarto e percebia, com inusitada percepção, que aquilo novo e profundo sempre lhe estivera ao alcance, mas nunca efetivamente alcançado. Ela não notava, ainda, que a antiga planície de águas imensas do Saara estava ali, na umidade de seus pés. E essa é a Paixão, esse é o núcleo: perceber que o sonhado e o essencial da vida, objetivo supremo e existencial, existe próximo e tátil às nossas mãos, mas está socavado de terra, coberto de camadas e mais camadas que o obscurecem, foi amassado pela pata humana e desde então segue como lenda mitológica: a Verdade é de um perigo truculento.

Mas porque acreditamos que se ter a Verdade sobre o mundo e de nós próprios seria arruinar o ser humano, quando na verdade sabê-la é tornar-se ser humano? Desde que nos atemos à essa desilusão, o puramente e verdadeiro humano segue em sono profundo e nos coloca em verdadeiro perigo: a ausência de ser efetivamente o que se é.

Com o relato fidedigno, a Verdade é incrustada nas diferentes imagens que ressoam ao longo da obra. O sentido verdadeiro, secreto e humano do mundo é a Paixão, é o núcleo, é a matéria branca da barata. E nesse interstício, a linguagem, o hábito, toda a secular organização arqueologicamente imposta à vida e à Verdade perdem forças e resignam-se em escombros múltiplos, sem possibilidade de restituição: a alma, enclausurada pelas demandas e forças sociais, agora se expele doce e tranquilamente de dentro do corpo, assim como a barata, que livre dos cílios, asas e ossos, deixa emergir sua mais forte vida em consistência neutra e pegajosa. É a coisa, é o próprio ser. Ao despojar-se do mundo, eis a dádiva suprema: o próprio mundo.

A paixão segundo G.H. revela o quão perigoso é permanecermos à margem daquilo que somos, embora isso nos traga segurança e comodidade. Há um mundo todo vivo, pungente e apaziguador que resiste às intempéries para se fazer também vivo dentro de

nós. Eu sou a vida e a vida sou eu: “A vida se-me é”. Um mundo todo vivo, com a força de um inferno, que só se alcança percorrendo a via-crucis, a trajetória, com suas mais terríveis aparições. É a isso que Clarice nos convida. É para isso que nascemos.

Referência

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. 1a ed. Rocco: Rio de Janeiro, 2020



Gustavo Izidio Silva é estudante de Letras - Português e Latim - pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Realiza iniciação científica em literatura brasileira e teoria literária, debruçando-se sobre as repercussões da voz narrativa em alguns contos de Clarice Lispector. Tem interesse em Literatura brasileira e teoria literária do século XX. Já publicou textos sobre Cecília Meireles, Clarice Lispector e Adélia Prado.

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)


divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

The background of the entire image shows the silhouettes of a man and a woman standing on a beach, looking out at the ocean during a sunset. The sky is a gradient of blue and orange, and the water is dark with some ripples. The couple is positioned in the center of the frame, with the woman on the left and the man on the right.

POR MEIRE MARION

**OBSERVANDO
MEUS
VIZINHOS**

*EVENTUALMENTE, TODOS
ENVELHECEM*

Há 20 anos, quando ele tinha 60 anos e ela 40, ele sempre tinha um sorriso largo no rosto enquanto acompanhava sua esposa do carro até o elevador.

Primeiro, ele a ajudava a sair do carro abrindo a porta do passageiro e dando a mão para sua esposa - um verdadeiro cavalheiro. Ele lhe dava seu braço e graciosamente caminhavam em direção ao elevador. Como gentleman, abria a porta para sua amada e para todos os outros que estivessem esperando e seria sempre o último a entrar.

Uma vez lá dentro, ele sempre fazia um comentário alegre e começava uma conversa fiada com quem quer que estivesse lá com eles. Seu cabelo ficou branco, mas seus olhos azuis brilhavam sempre que ele olhava para sua esposa e mencionava como ela era linda. Sua amada sempre sorria e concordava com tudo o que ele tinha a dizer com um aceno de cabeça. Claramente havia amor nesse relacionamento.

Agora, 20 anos depois, ele com 80 anos e ela com 60, é ele quem precisa ser escoltado do carro até o elevador. No entanto, ele recusa a ajuda e apenas caminha em direção a ele sem esperar por sua esposa. Ele perdeu muito peso. Seus olhos não brilham mais e seus cabelos brancos caíram. Ele larga a porta do carro escancarada e sua esposa precisa se certificar de que o carro está trancado antes de ir para o elevador. Claramente ele não tem paciência de participar desse ritual.

Dentro do elevador, ele não deixa escapar um simples alô, nem faz qualquer comentário. Ele mal olha para quem está lá com ele - apenas olha para o chão. Se a esposa não chegar a tempo ao elevador, ele aperta o botão e ela tem de pegar o seguinte. Ele se tornou ranzinza e teimoso. O cavalheiro se foi.

Atualmente, a esposa o acompanha até o carro. Ele precisa de ajuda para entrar e sair do carro, mas ainda dirige. O carro ainda é o pequeno câmbio manual VW branco de 20 anos atrás. Para entrar, ele ajuda as pernas com as mãos- uma a uma e tenta sentar-se confortavelmente ao volante. Sua esposa fecha a porta dele e, em seguida, se senta no banco do passageiro ainda sorrindo - diferente de 20 anos atrás, mas o amor ainda prevalece.



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021), *Dois Gatinhos* (2021) e *Think, Feel, Smell, See, Want* (2022). Colunista da *Voo Livre Revista Literária* onde escreve para os pequenos e jovens leitores. Diretora da UBE - União Brasileira de Escritores. Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

POR BERT JR.

Trem Difícil

Era um trem que tomar sonhava
vário entre seus congêneres
a demora morava nele
mas eu é que nunca chegava

Numa longa, atrapalhada procura
cruzava os meandros da gare
e talvez porque não o encontrasse
quase que fui à loucura

A estação era só amenidades
não podia queixar-me disso
movia-me com cordialidades
sem causar reboição

Meus amores supostos no trem
fitando a janela impassível
assim, feito porta invisível
por onde o que se quer não vem

Eu que não sou de rima
ousei confiar numa guia
a qual me plantou numa esquina
para ir sem voltar de onde ia

Com zero bagagem e agasalho
enfrentei o cair da tarde
criança a quem falta chocalho
a choramingar sem alarde

Fui mais um vulto no breu
dos que vagam sem olhar o céu
não sabendo onde o trem se meteu
já trocando o mel pelo fel

Abraçado a um poste metálico
o mundo rodava em mim
num estonteante círculo mágico
de fui e vim, bom e ruim

Até que vozes e feições surgiram
fazendo raiar o dia
do trem nem ideia tinham
querendo-me por companhia

Não me fiz de rogado e subi
no infinito vagão de outro trem
despedindo-me do que vi e vivi
para ver e viver o que vem.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e um novo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Lançará, em breve, um terceiro volume de poesia, com poemas curtos e frases. Também planeja publicar uma antologia de crônicas humorísticas e um romance.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



POR BERT JR.

DIVISA

Já é hora de dotar o nosso país de uma divisa de peso, e não falo aqui de moeda (embora não deixe de ter alguma relação com o que irei falar). Por divisa quero dizer um lema, uma frase que inspira e faz recordar ao mundo a síntese moral de uma nação.

Os nossos amigos estadunidenses adotaram, por exemplo, a divisa “In God We Trust”, que fazem circular pelos quatro cantos do planeta impressa na cédula do dólar. Não termos o dólar, é verdade, mas tal como eles nós temos fé. Por sinal, a nossa deve ser ainda maior que a deles, porque teima em persistir em face a percalços e frustrações frequentes. Por outro lado, somos capazes de desconfiar bastante, e de várias coisas. Desconfiamos, por exemplo, que é mais fácil achar uma agulha num palheiro do que um partido confiável no meio de trinta e uma siglas diferentes. Nossos amigos do Norte têm apenas duas com que se preocupar, circunstância que, em princípio, torna um pouco mais fácil de se encontrar um rumo político a ser seguido. Outro exemplo é a própria moeda. Enquanto lá eles mantêm a mesma há quase 250 anos, nós em dois séculos cravados tivemos nove trocas de padrão monetário. Além disso, desde que viramos República passamos por duas longas ditaduras e dois *impeachments* presidenciais. Portanto, se falássemos inglês e fôssemos minimamente fiéis ao liberalismo, em lugar de “In God We Trust” a nossa divisa mais apropriada seria: “In Gov No Trust”.

Os franceses ostentam até hoje a famosa divisa “Liberté, égalité, fraternité”, representando os valores sonhados pela revolução republicana de 1789. Entretanto, a História nos tem ensinado que as revoluções não primam por *fraternité*. Por isso, à luz dos fatos, o slogan francês deveria ser corrigido para “Liberté, égalité, décapité”. Em contraste, no nosso país o movimento que derrubou a Monarquia e implantou a República foi um golpe de Estado dado por militares com nível zero de derramamento de sangue, embora sem nenhuma participação popular. A divisa positivista “Ordem e Progresso”, inscrita na bandeira, tornou-se o nosso lema cívico. Contudo, tal como a divisa francesa, a nossa também mereceria certos ajustes. Em base ao exame histórico, na minha modesta opinião, “Ordem antes que Progresso” poderia explicitar melhor o sentido do programa oficial para o país.

Na década de 1970 (período em que fui deixando a infância em direção à adolescência), estive muito em voga a expressão “tudo azul”, significando “tudo ótimo”. No meu estado natal, as áreas de colonização alemã adaptaram a expressão para “alles blau”, que quer dizer, literalmente, “tudo azul” em alemão. Naquela época, o azul era a cor em alta, basta lembrar que a melhor gasolina era apelidada de azul. Em pleno regime militar, quando os atos cívicos eram intensamente comemorados, uma cor que representava tanto o céu pátrio quanto o mar territorial desfrutava de um estatuto inconscientemente superior, na hierarquia das cores, ao verde e ao amarelo, que simbolizam, cada um, respectivamente, apenas um elemento da riqueza do país: o reino vegetal e o mineral. Também convém recordar que foi no ano de 1970 que Tim Maia lançou “Azul da cor do mar”, canção onde o azul é a cor do sonho mais bonito. Porém, apesar do patriotismo de quartel em vigor, o país se viu mal das pernas com as duas crises do petróleo, de 1973 e 1979, e entrou cambaleante na década de 1980. Tropegamente,

atravessamos os '80 para chegar aos '90 com hiperinflação nas costas e uma sensação de que a vaca havia atolado no brejo, acompanhada da MPB. Assim, se quiséssemos eleger a simpática expressão teuto-brasileira “alles blau” como divisa, deveríamos atualizá-la para “alles créu”, que está em muito maior sintonia com o resultado daqueles tempos e com os hits musicais nacionais que passaram a viralizar a partir de então.

Quem sabe o que se precise é de uma divisa que represente nossa recusa em reviver crises passadas e coisas que não deram certo. Não estou falando do programa pró-álcool, aquele que teve a primeira edição entre o final dos '70 e começo dos '80, para depois regressar com nova roupagem, no começo do século XXI, prometendo autossustentabilidade energética para o setor dos transportes. Penso, por exemplo, na hiperinflação, nos períodos ditatoriais, nos escândalos de corrupção, esse tipo de coisas. Lembro daquela divisa surgida na Primeira Guerra Mundial e utilizada na Guerra Civil Espanhola: “Não passarão!”. Pois é, podíamos adaptá-la para “Não voltarão!”. Contudo, apesar de sua evidente funcionalidade, essa divisa não espelha a alma nacional, não transmite uma mensagem contendo a sabedoria acumulada em nossa vivência histórica como nação independente. Diante do que temos visto por aqui, um traço muito nacional é sem dúvida o oposto de “Não voltarão”: velhas fórmulas são reaplicadas; velhas receitas, reescritas; velhos diagnósticos, reaproveitados, para novamente serem armazenados, não mais em formol, mas em meio digital. Portanto, uma boa divisa talvez fosse “Não desgrudarão”.

Mas é claro que até aqui só o que fiz foi dar vazão ao meu lado de humorista, permitindo que um ceticismo irônico viesse contagiar o texto todo. Que me desculpem pela irreverência, faz parte do gênero de cronista que sou. Para compensar um pouco o “estrago” dos parágrafos anteriores, formularei a seguir uma divisa positiva, capaz de motivar o nosso civismo ao enaltecer aspectos característicos do *ethos* nacional. Proponho: “Bola pro mato enquanto ainda tem”. Com tal divisa, presta-se uma justa homenagem ao futebol, essa modalidade esportiva tão arraigada na nossa identidade cultural, projeta-se uma imagem potente e assertiva (“bola pro mato!”) e se faz referência ao fato de termos mato, embora não saibamos até quando. Ou então: “Aqui até pé de cana samba”. Eis aí um exemplo em que se cruzam referências culturais (o samba, as festas populares) com alusões ambientais e econômico-geográficas. A duplicidade de sentido da expressão “pé de cana”, que além da planta a que historicamente tanto devemos também significa cachaceiro, ou pinguço, reforça ainda mais a riqueza de sentido da divisa em questão.

Caso nenhuma das anteriores tenha agradado, apresento uma última antes de desistir: “Se não for sério não tem graça”. Dá para aprovar essa? Afinal o sério, por aqui, muitas vezes faz papel de ridículo. Ou não?

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Lançará, em breve, um terceiro volume de poesia, com poemas curtos e frases. Também planeja publicar uma antologia de crônicas humorísticas e um romance. Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

x x x x
x x x x
x x x x
x x x x

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

• **DIVULGUE
PARA + DE
500 MIL
LEITORES**

• **POR APENAS**

R\$ 150



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTOJUVENIS

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
Infantojuvenis

VOL. VII

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: [clique aqui](#)



RAUL POMPEIA:
MÍNIMO, MÚLTIPLO,
INCOMUM

Gilmar Duarte Rocha



A segunda metade do século XIX foi profícua para as letras brasileiras, tanto pela consolidação dos escritores românticos, poetas em sua maioria, como também pelo surgimento da escrita de vanguarda, seguindo a grande onda revolucionária francesa, que espalhou para os homens e mulheres de escrita de todo o mundo novas tendências; novas orientações; liberação da consciência e do sentimento íntimo; pensamentos de reflexão e libertação e sobretudo um universo imensurável de ideias que alçariam a literatura para outro patamar no mundo das artes.

No Brasil, podemos destacar o Realismo e o Naturalismo, correntes de letras que contaminaram a maioria dos nossos vates, que, inspirados em Flaubert, Zola, Maupassant e companhia, começaram a gerar produtos de grande qualidade, em especial, Machado de Assis, romântico de nascença, mas que azeitou a sua escrita e desandou a produzir obras de cunho realista, algumas inspiradas pelo tempero do português Eça de Queirós, escriba lusitano também contagiado pela nova escola da França.

Dentre os que adotaram os Naturalismo, que, na minha ótica, é uma evolução da corrente realista, pois ambos (tanto o Realismo quanto o Naturalismo) adotavam a linguagem objetiva, crítica social e uma certa falta de um ideal concreto. O Naturalismo se sobressai e se desgarra, por assim dizer, em virtude de exacerbar algumas peculiaridades como o determinismo, ou seja, opiniões condicionadas por sua raça, meio e pelo momento histórico em que viviam.

No Brasil da época, três grandes escritores aderiram a esse estilo e ganharam destaque produzindo obras de suma importância para o cancionário brasileiro, os quais são Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Raul Pompeia.

Dos três, Raul Pompeia, que nasceu em Angra dos Reis, RJ, em 1863, chama à atenção por algumas particularidades. Viveu pouco tempo e produziu obra em quantidade mínima. Era um homem multifacetado, cursou Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, arrebatou o canudo de advogado, mas não exerceu a profissão. Voltou para a casa dos pais no Rio de Janeiro e resolveu tornar-se jornalista. Empregou-se no jornal carioca *Gazeta de Notícias* e passou a colaborar com o periódico publicando ao correr da pena aquele que seria o seu clássico, o romance existencial *O Ateneu*.

Lido por dez entre dez estudantes que pretendem prestar o Enem, *O Ateneu* foi transposto para a televisão sob a forma de novela e teve a sua sinopse consagrada pelo site da editora *Ateliê Editorial*:

“Sérgio entra n’O Ateneu, pela primeira vez, em uma data festiva. Tudo lhe parece muito novo e instigante e ele fica ansioso para entrar no internato. Mas, logo na sua chegada, o protagonista percebe que a festa que havia presenciado não era o cotidiano do colégio. Após um desmaio (ao ser apresentado aos colegas), ele passa a ser perseguido. Tudo começa parecer perigoso e dúbio n’O Ateneu. O aluno Sanches, por exemplo, a um só tempo parece ter provocado um afogamento e salvado Sérgio nessa situação. Sérgio se incomoda com as aproximações físicas de Sanches (apesar de beneficiar-se porque este é um bom aluno) e acaba afastando-se dele. Outra relação retratada no livro, a de Sérgio com o bibliotecário Bento (que também é aluno do internato) sugere homossexualidade, o que inclui, também, comentários maldosos de outros alunos sobre o assunto.

No mesmo site vê-se a análise da história:

“O Ateneu, enquanto microcosmo da sociedade do século XIX, é, na verdade, uma severa crítica à sociedade carioca da época. Enquanto quem paga a mensalidade em dia é bem tratado, os alunos cujos pais atrasam os valores são desprezados.

O ambiente cotidiano de opressão muda completamente nos dias de festa, quando pessoas do lado de fora d'O Ateneu vêm até o colégio. As descrições científicas e psicológicas do ambiente e dos personagens deixam clara a intenção de analisar e criticar o status quo.”

Além dessa obra significativa, Pompeia (que também era exímio desenhista) legou-nos meia dúzia de escritos que não tiveram grande repercussão. Mas a sua curta vida terrena não se restringiu apenas à literatura. Desde os tempos de faculdade, ele havia se engajado na causa abolicionista na companhia de Luís Gama, principalmente, como também na causa republicana, publicando matérias de vanguarda juntamente com personalidades do naipe de Luís Murat, Raimundo Correia, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e Teófilo Dias.

Com o advento da República, Raul Pompeia tornou-se partidário fervoroso do pouco democrático presidente Floriano Peixoto, opção que lhe trouxe dissabores e inimigos. Com a chegada do democrata Prudente de Moraes ao poder, foi demitido sumariamente do cargo de Diretor da Biblioteca Nacional, devido a um discurso inflamado na tumba de Floriano Peixoto e teve um sério atrito com Olavo Bilac e Luís Murat, que o classificou de “um louco no cemitério”.

Derrotado e desgostoso; levando uma vida incerta e sem bandeiras para lutar, o escritor Pompeia tomou a polêmica decisão do suicídio em 25 de dezembro de 1895, aos 32 anos, no escritório da casa em que morava com sua mãe.

Apesar da vida curta e conturbada, o incomum e sensível homem Raul Pompeia não conseguiu destruir o seu maior tesouro que construiu em vida, o seu eterno romance *O Ateneu*, que será sempre lido por gerações a fio.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

O ROUBO DO POENTE

Roubaram-me o sol poente
do outono... Foi camuflado!
Quem mora em urbe crescente,
vez ou outra, é bloqueado.

Da janela, bem em frente,
eu vi, em concreto armado,
o arranha-céu iminente
tampar o astro encantado.

Que sorte a Terra girar
e haver outras estações!
Procuro brechas pra olhar...

Busco novas posições...
- Mas por que o “Sol” roubar,
das vistas e corações?

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e Arte, tendo concluído, recentemente, Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



Programação Semana Euclidiana 2023



Por Márcia Villaça da Rosa

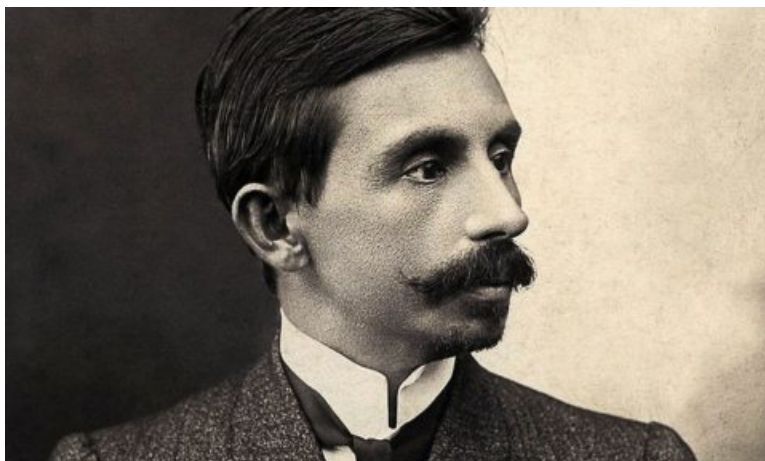


Presença e Influências de Euclides da Cunha na cultura brasileira

De 9 a 15 de agosto, acontece a Semana Euclides da Cunha, na bela e hospitaleira cidade de São José do Rio Pardo.

O evento é uma iniciativa do prefeito da cidade, Márcio Zanetti, juntamente com a subprefeita, Algemira Pinheiro de Souza, Eduardo de Souza Cunha, secretário municipal de Turismo e Cultura, Lúcia Libânio da Cruz, presidente da Câmara Municipal, Yura Apoli, gestora de Cultura e Ana Paula de P. P. Lacerda, curadora da Casa de Cultura Euclidiana.

Dentre os eventos, oficinas culturais como Confecção de Brinquedos, idealizada por Mauro Nascimento; Escrita Criativa, por Débora Rubin; Autorretrato, organizada por Guilherme Ubeda, Literatura e Produção de Cordel, com Bruno Paulino e Presença e



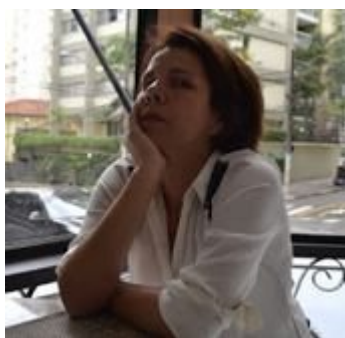
Influências de Textos Euclidianos, oficina organizada por Valéria Ferreira, entre outros.

No dia 8 de agosto, terça-feira, haverá uma exposição artística cuja curadoria vai ser de Ariosvaldo Rizzo de Andrade, no Salão Associação Atlética Rio-Pardense.

O desfile de abertura do evento, dar-se-á na rua Francisco de Assis, com o tema Os Sertões Além Fronteiras; no mesmo dia, a conferencista Marília Marron, fará na Fábrica de Expressão a abertura oficial do Ciclo de Estudos.


Estas serão algumas das atividades para a Semana Euclidiana.

Quem quiser mais informações, pode vir a pesquisar no site da Casa de Cultura Euclidiana: <https://casaeuclidiana.org.br/portal>



Márcia Villaça da Rosa, 54 anos, é natural da cidade e do estado de São Paulo. Habilitou-se em dois cursos superiores - Jornalismo - Comunicação Social - PUC - e em Letras - Português - USP. Atuou como professora de Literatura, Texto e Redação para o Anglo Vestibulares. Desde 2016 vem se dedicando à Literatura, sendo colaboradora do jornal Linguagem Viva e autora das obras Santa Clara (editora Nelpa, 2015), Sacre Coeur (editora Essencial, 2017), Whitehaven (editora Matarazzo, 2019) e seu último trabalho - Montepio -

Destinos Literários Aparentes (Ed. ALL Print, 2023).

The background is a vibrant, abstract composition of various colors including red, blue, yellow, green, and purple. It features numerous splatters, brushstrokes, and a central silhouette of a person with arms and legs outstretched, as if in a dynamic pose. The overall effect is energetic and artistic.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

DIA NACIONAL DAS
ARTES

12 DE AGOSTO



HORIZONTE RELATIVO

Por Sellma Luanny

Nasce"... para nós, o Sol.
Para ele e nele, na humana
celeridade... constância.
Em claros dias, "surge"-nos
em majestade e beleza...
Dourada quente auspiciosa
e rutilante luz, resplandece.
Em fechados e cinzentos
tempos, o seu esplendor
e glória, "desvanecem"...
pelo firmamento "supressos".

Mas então, noutros pontos
deste globo, ele brilha...
maravilhosamente!
Em outros horizontes, amorna
e garantias, transmite... numa
rotação de climas e estações...
localmente sentidos.
Chuvas, neves, ventos... efeitos.
Em rios, mares e solo,
do astro-rei dependente
irrefreável e prolífera Vida.

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

PERCEPÇÃO, REAÇÃO E AÇÃO

Carlos Batista¹

Não tenho a intenção
ou mesmo a pretensão
de me denominar um estudioso
mas sim um curioso.

Daqueles que são intrometidos
que não ficam ressentidos
de fazer várias perguntas
independente das conjunturas.

O meu início acadêmico
foi em um tempo
em que me servia da matemática
como algo suficiente,
algo, que acreditava ser onipresente.



Das exatas eu
fundi minha base,
atestei comportamento e frase,
mas através dela, felizmente
fiz a minha reviravolta
confesso, que não em uma reta,
mas propositadamente torta.

O ponto de partida
ou como eu poderia escrever,
da minha nova investida
se deu após uma fatalidade,
se é que posso entender
isso como uma única verdade.

Após o término de minha inicial graduação,
tive encontro com uma incomoda frustração.

Parti então, sem muita emoção,
para um mercado onde me tornei um empresário
no início, admito, sem qualquer noção.

¹ Orientador Pedagógico, Tutor EAD e Mestrando em Educação, é professor-autor com pesquisas voltadas à área da Tecnologia Educacional, destacam-se suas especializações em Redação e Oratória, Literatura Brasileira e Docência do Ensino Superior e graduações em Pedagogia, Letras e Desenho Industrial.

Passados 15 anos, a fatalidade
poeticamente ilustrada
trouxe à tona a minha dura e frustrante realidade.

Depois de momentos de agonia e melancolia,
tomei forças para voltar a minha antiga sintonia.
Eu precisava retornar ao mundo acadêmico,
do qual nunca deveria um dia deixar à revelia.
Assim o fiz, porém desta vez
de maneira diferente:
tecnologicamente mais envolvente.

Me matriculei em uma graduação onde
não precisava estar fisicamente presente.

Ledo engano meu pensar
que está nova paixão iria me saciar.
Tive contatos com colegas,
dos quais suas posturas cegas
me incitavam a novamente pesquisar.
Renascia assim o acadêmico,
agora ciente da importância
de entender sobre o digital letramento,
um novo campo, confessadamente esplêndido.



A curiosidade não mata,
eu percebi no entanto, que disfarça
vem com uma nova roupagem,
parte para a caça.

Destitui qualquer mordança
e perfaça a não inanição,
elementos embrionários de uma nova paixão
e junto dela o atrevimento e a intromissão.
O mestrado é o resultado disso,
pois o percebido ou minimamente deduzido,
precisava ser provado, precisa ser escrito.

Aqui vou eu, de novo,
só que desta vez,
nem um pouco ressentido.

Autor: um mestrando² (ainda) enrustido.

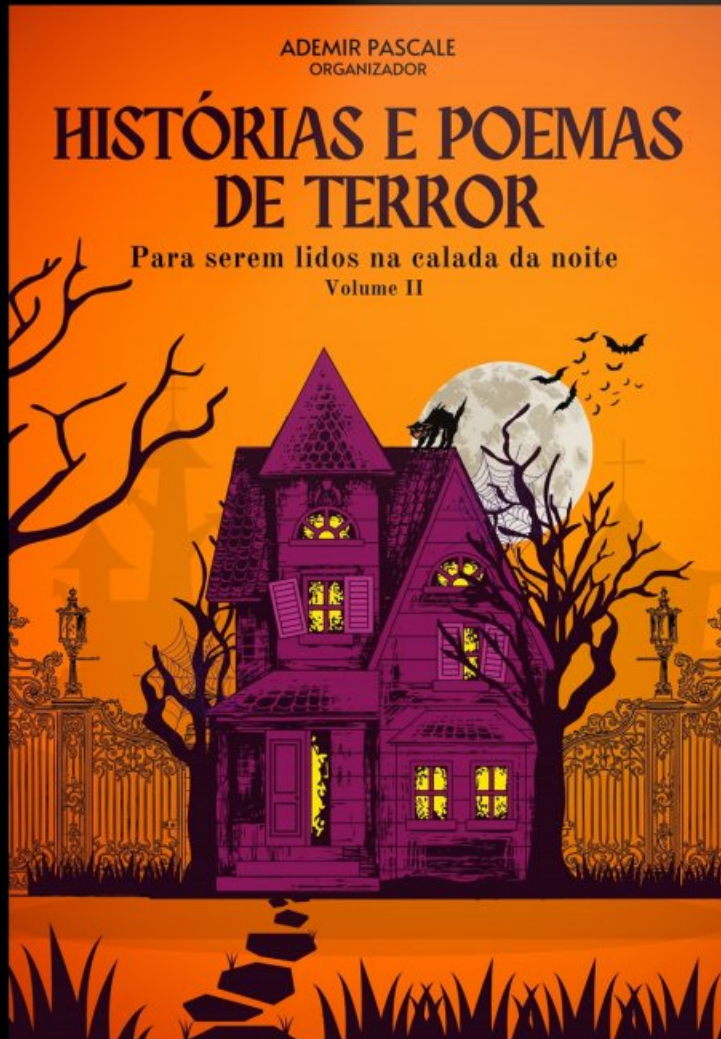


² As imagens presentes nas páginas retratam o autor e foram confeccionadas pelo programa Bitmoji. A declamação oral do poema pode ser observada em um vídeo gravado também pelo autor, para visualizá-lo basta o leitor acessar o link específico disponível com base na leitura do QR Code ao lado deste texto.



DICAS PARA LEITURA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR -
VOL. II, REÚNE TEXTOS DE TERROR E
SUSPENSE DE ALGUNS DOS MELHORES
AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POEMAS AO AMANHECER

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



POEMAS AO AMANHECER, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.





ESSA CORAGEM ME FALTA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

De fato, fez acontecer sim
Por elevado tempo
Conseguindo encantar meu coração
Que inusitado o elegeru como o mais
querido

Todavia, com o caminhar da vida, enfim
Deixou, ao redor, escapar ser o grande mal
exemplo
Levando manchas para a sonhada e
comemorada emoção
Por você se mostrar, a toda hora, forte e
destemido

Sem escapar, agora, no derradeiro passo a
passo
No meu interior, primeiro, pouco a pouco foi
dilacerando o espaço
Que ingênua, tomada por amor, concedi
E hoje padeço por não mais saber como
deixá-lo partir

Ah! Mundo cruel! Como me falta coragem
De, em um pedaço de papel, deixar
palavras como mensagem
Expulsando-o, definitivamente, do meu
coração
Já então destroçado por rara e infeliz
sensação

Ah! Seu menino “danado”! Bem sei que
continuarei a sofrer
Outra vez, por ingenuidade, estar presente
no meu viver
Mas acho muito pior não o ver, de vez em
quando, ao meu lado
Mesmo fingindo ser aquele grande amor, e
somente por mim apaixonado



O GRANDE QUERER

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ah! "Constelação"

Com cuidado leve-me a participar dessa
euforia, alegria

Que, ao apreciar, imagino serena a
cada dia

No seu interior estar nesse "bailado"
encharcada de emoção

Ah! "Estrelas"! Dessa luminosidade
quão belo me tornar parceira

Pelo cintilar como escapolem atrás das
eventuais primeiras

Promovendo o clarear do anoitecer
escuro

Pulando daqui para lá superando o
imaginado grande "muro"

Ah! Enfim! Se Deus me permitisse ao
menor pensamento

Me jogar nesse bailado de "cintilo" em
qualquer momento

Por certo ser agraciada sendo puxada
pela suave brisa ou até mesmo forte
vento

Para, nessa festa, em algum "colo" me
deitar

Ah! Como adoraria e, com você
"Constelação", estar presente para
somente amar

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., também escritor; romancista; poeta; letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza – Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 24.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, do Tema “Escrevo Por Quê” adicionando o poema “Porque Escrevo”.

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- “Mais do que Buquê” e “Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!” na Editora Trevo, no Brasil – Poemas;

- “No Caminhar” e “Sentimentos... Amor... Saudade” ... na Editora Poesia Impossível em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Poemas;

- “Ardente Encontro” e “Seis Meses”, na Editora Astrolábio em Lisboa – Portugal, do Grupo Editorial Atlântico – Romances.



ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

(A)GOSTO...

Por SÍLVIA GRIJÓ

A meu gosto,
Seria de tanto gosto
Que, no gosto
De (A)gosto
Inexistisse desgosto,
Gosto de (A)gosto
A meu gosto,
Sem gosto
Sem (A)gosto
Não seria eu,
Sou de agosto
A meu gosto...



POEMA COM GOSTO...

Por SÍLVIA GRIJÓ

Que o meu poema tenha gosto
Aquele gosto gostoso
Das ensolaradas manhãs
de primavera e brisa leve
Do fruto maduro colhido no pé
Do cheirinho tentador
do café passado na hora
Que o meu poema
seja todo delicioso
Suculento... Deleitoso
Tenha a leveza e o frescor
da mousse de goiaba
com queijo a erado,
naqueles dias mais quentes...
Que o meu poema
te pegue pelo gosto,
Que ele tenha a maciez das
declarações de amor apaixonadas,
Que ele te acaricie o paladar
Como o roçar da língua macia
num doce e leve beijar...
Que o meu poema, caia todo
no teu paladar apurado e
Vá escorrendo de mansinho,
Ganacheando teus desejos
Te lambuzando de muito prazer
Tal como as belas noites de AMOR...



O BALANÇAR II

Por SÍLVIA GRIJÓ

Na canoa,
O amor
acorda as águas,
O sensual balançar
espanta as piabas,
Os harmoniosos gemidos
assusta os mergulhões,
O cadenciado vai e vem
afugenta as garças,
Nossa divina nudez
encanta as gaivotas,
O belo sussurrar
assanha o Boto,
A flor da uapiê enrubesce...
No lenitivo
remamos...

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE. É coautora em 05 E-books, 08 cordéis, 44 Antologias. É membro efetiva das confrarias-ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo “Formas Em Poemas”; atua nos Projetos “Musicalidade Poética”, “Literatura Caminhante”, “Movimento Patologia Cultural”. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Foi condecorada com os prêmios: "Arara Cultural 07/22; "22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22", "Premium Internacional da Amazônia/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

**CONTOS E POEMAS
SOBRE O FUTURO**

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

POR ROBERTO FERRARI

A eternidade das Lembranças

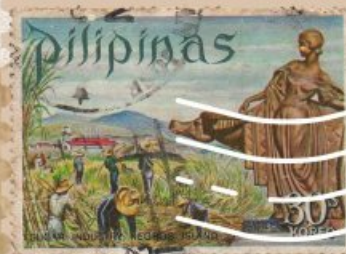
Quando era criança não entendia quando via minha mãe chorando por causa de uma música ou por ver uma fotografia antiga, mas hoje compreendo o que significa a eternidade de nossas memórias que vivem em nossa alma.

Cheguei à conclusão que é lindo poder se emocionar com lembranças de tudo que vivemos com intensidade. Os momentos de nossa vida estão eternizados na nossa memória, e nossa vida é uma composição de momentos, alguns têm uma trajetória mais feliz que outros, mas no final todos nós tivemos momentos bons e ruins.

Por isso digo que só devemos agradecer tudo que vivenciamos e que nos foi oferecido pela nossa vida. Cada um colhe o que planta, tristeza ou felicidade, e vamos seguir encarando as consequências de nossas escolhas e daí a importância das memórias e sua eternidade.

Devemos aprender com erros do passado que tiveram consequências ruins para nossa vida e precisamos vivenciar em nossas memórias as situações ruins que passamos, ou seja, nossas lembranças eternas assumem papel vital.

Não quero falar aqui só maus momentos, mas também dos bons, um grande amor que um dia vivemos, nossa primeira namorada, a primeira vez que fomos a praia, são tantas coisas boas que poderia escrever um livro sobre isto.



Este pequeno texto tem o objetivo de fazer com as pessoas que o lerem terem mais vontade em lembrar de situações do passado. Devemos viver o presente, mas nos lembrarmos de momentos fantásticos do passado não faz mal a ninguém.

O objetivo de qualquer pessoa neste mundo é ser feliz, ser amado, viver com intensidade e para isto acontecer basta querer, ou seja, pense sempre em coisas boas, viva ao lado de pessoas do bem e ame aquilo que em que você trabalha.

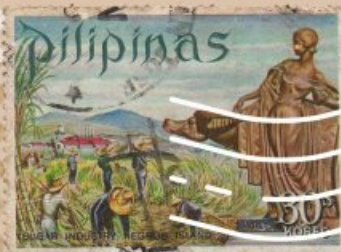
Sejamos todos felizes e conscientes da nossa missão aqui nesta vida!



Roberto Ferrari já publicou os livros: Sublime Amor, Ventos da Paixão, Identidade Assassina, Fundamental como o Amor, Refúgio da Alma, Negócios de Sangue, Intenso como a Vida, Mansão Molnár, Juras Apaixonadas, entre outros.

No transcorrer de sua curta carreira, Roberto já participou de mais de 270 Antologias Poéticas.

Facebook: O Poeta do Amor, Instagram: robertoferrarioficial



Por Roberto Ferrari

SAUDADES DO MEU PASSADO

Quantas saudades de momentos marcantes da minha vida
Quando escuto músicas
Quando vejo fotografias
Quando relembro de emoções passadas
Quando escuto uma voz
E me lembro do teu olhar
Sinto muitas saudades...

Sinto saudades de ti e de amigos que nunca mais vi
E quando sinto nos meus lábios
As lembranças dos teus beijos
Tenho vontade de voltar ao passado
Viver de novo nosso amor.

Sinto saudades daqueles que foram, amigos ou inimigos
E sei que ambos foram importantes para a minha vida
Para o meu aprendizado.

Sinto saudades das coisas que vivi
E me penalizo pelas coisas que deixei passar
Sem aproveitar na totalidade.

Quantas vezes tenho vontade de voltar
Ao meu passado e te reencontrar
Poder te amar de novo
Acordar abraçado a ti.

Quero também resgatar sentimentos que perdi
Emoções que não senti
E fazer tudo de novo
Só que desta vez com intensidade
Fazendo valer a pena!

Roberto Ferrari já publicou os livros: Sublime Amor, Ventos da Paixão, Identidade Assassina, Fundamental como o Amor, Refúgio da Alma, Negócios de Sangue, Intenso como a Vida, Mansão Molnár, Juras Apaixonadas, entre outros.

No transcorrer de sua curta carreira, Roberto já participou de mais de 270 Antologias Poéticas.

Facebook: O Poeta do Amor, Instagram: robertoferrarioficial

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves


Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM ANA KEKLGIAN



Ana Kekligian

Ana Kekligian é Palestrante, Master Coach de Desempenho, Master Analista Comportamental, Mentora Emocional e especialista em Autoestima e Autoconfiança. Fundadora da EBC (Empresa Brasileira de Coaching) e Idealizadora do projeto Mulher Absoluta. Atualmente, possui três importantes certificações internacionais pelo IBC (Instituto Brasileiro de Coaching). Conta também com a certificação de Especialista em Inteligência Emocional pela SBIE (Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional), Especialista em Produtividade com: Triad Certified Productivity Specialist, Master Analista Comportamental pelo Instituto ILG. Atuou por quase 20 anos no mercado corporativo como executiva de marketing em importantes empresas do segmento publicitário e editorial. E é CEO de suas emoções.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Ana Kekligian: O desejo de transmitir conhecimento através da escrita sempre existiu em mim, mas o perfeccionismo sempre me atrapalhou. Através do Autoconhecimento e compreendendo minhas emoções, superei e potencializei minhas capacidades, inclusive a de escrever e contar minhas histórias. Em 2019 recebi um convite para ser colunista do site de conteúdo Dolce Morumbi e a partir daí outras oportunidades surgiram.

A ideia da coautoria me rondava há algum tempo e analisei alguns projetos. No final do ano passado quando fiz meu planejamento de vida de 2023 eu determinei que esse seria o ano de fechar com uma editora e já tinha uma em vista. No entanto, algo maravilhoso aconteceu. Assim que eu fui certificada como especialista em Autoestima, foi lançado o projeto Mulheres que se Amam e junto com outras 29 especialistas, fechamos o grupo de coautoras. Aceitei na hora! Porque esse projeto me escolheu! 30 mulheres com o mesmo propósito e contando suas histórias de superação para inspirar outras mulheres. Fez todo o sentido.

Conexão Literatura: Você é coautora do livro "Mulheres que se Amam". Poderia comentar?

Ana Kekligian: Em 2022 fui convidada por Bruna Legnaioli para me tornar especialista em Autoestima pelo seu método inédito e totalmente prático, desenvolvido ao longo de 12 anos de muito trabalho, testado e validado em mais de 15.000 pessoas e 218 grupos - capaz de tratar profundamente as dores humanas e desenvolver a Autoestima e Autoconfiança de forma concreta, através de processos de curas internas e construção de novos comportamentos. Somos em torno de 300 Especialistas Emocionais no Brasil.

A partir da formação, surgiu um movimento chamado: “Mulheres que se Amam” com atendimentos individuais, treinamentos em grupo, vivências, eventos que possibilitam o desenvolvimento da Autoestima e da Autoconfiança de mulheres. E meio a tudo isso a Bruna idealizou a ideia do livro para que pudéssemos contar as nossas histórias de dor à ressignificação. Afinal quem cura já foi curada.

Meu capítulo se chama: “Da dor do deserto ao oásis do amor”.

É uma história que aconteceu em meio a pandemia em 2020 e que envolve a minha separação com o ex. marido e uma enxurrada de emoções que inundou a minha vida e a dos meus filhos. Um drama superado através da fé, da inteligência emocional e do resgate da minha autoestima e do amor-próprio.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ana Kekligian: Sou muito autêntica, escrevo com alma e evito racionalizar.

Converso com Deus a todo momento.

Quando decidi ser coautora do livro Mulheres que se Amam, conversei com ele antes de aceitar e depois. Pedi que me mostrasse qual seria o capítulo da minha história que eu deveria contar e ele me mostrou. Depois compartilhei com meus filhos e meu noivo, porque não queria que ficassem desconfortáveis, pois eles fazem parte da história.

Uma outra coisa me influencia muito: É a Música.

Músicas afloram minhas emoções. Em especial:

Behold (Then Sings My Soul) - Hillsong Worship. Esta canção esteve muito presente durante minha primeira formação em Coaching, foi um marco na minha vida, foi o tempo que eu encontrei a minha melhor versão. Como a mente trabalha por associação de fatos, quando eu a ouço me conecto com o melhor de mim, entro em flow e as palavras saem para o papel. Assim acontece quando preparo um discurso ou o conteúdo de uma palestra.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu capítulo especialmente para os nossos leitores?

Ana Kekligian: “Se eu me conheço e me aceito, posso ser quem eu realmente sou, sem a necessidade de ser quem eu quiser.”

Essa frase é uma reflexão poderosa sobre o poder do Autoconhecimento.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

A venda é feita exclusivamente com as coautoras. O meu canal é: 11 94756-5478 (whats) ou por e-mail: contato@ebrccoaching.com.br

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Ana Kekligian: Ação é Poder! E o feito é melhor do que o perfeito.

Se você tem vontade, transforme-a em coragem.

Não fique com medo da reação dos outros.

Honre e respeite a si mesma(a).

Escolha uma editora que te dará direcionamento, roteiro e apoio antes, durante e depois do lançamento.

Nossas histórias precisam ser contadas e não engavetadas.

Conexão Literatura: Você também é palestrante, Master Coach de Desempenho, Master Analista Comportamental, especialista em Inteligência Emocional, em produtividade e em Autoestima, além de fundadora da EBC (Empresa Brasileira de Coaching) e Idealizadora do Mulher Absoluta. Como os leitores interessados poderão saber mais?

Ana Kekligian: Eu sou uma coach que impacto multidão através da multiplicação.

Quem é desenvolvido, multiplica.

E por isso que eu procuro ao máximo manter contatos diretamente com quem me procura, isso quer dizer, que sou acessível através dos meus canais. Escrevam para mim e eu prometo responder.

linktr.ee/anakekligian

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ana Kekligian: Sempre! Minha principal âncora de carreira é ser especialista, e por isso estou sempre me aperfeiçoando e um dos meus maiores talentos é a criatividade. Então, sou movida a novidades!

O que posso adiantar que para esse ano o foco está em mudanças importantes no âmbito pessoal e que a partir disso virão novas fronteiras.

Tenho em andamento um estudo sobre a “Cura do feminino”; um projeto social para levar o autoconhecimento para pessoas em situação vulnerável de saúde ou desemprego; expandir o projeto Mulher Absoluta e palestrar sobre a gravidade do *gaslighting* que é o tema principal do meu capítulo no livro “Mulheres que se amam”

Para o ano que vem tenho a intenção de lançar um livro próprio com atividades práticas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Mulheres que se Amam

Um ator ou atriz: Mary Louise Streep, mais conhecida como Meryl Streep

Um filme: A Cabana

Um hobby: Dançar

Um dia especial: Meu aniversário – 08 de abril

Depoimentos:

O livro “Mulheres que se amam” traz uma perspectiva muito rica em autoconhecimento, eu pude me conectar e entrar na história de cada coautora.

Minha amiga Ana Kekligian escreveu lindamente um momento difícil no qual ela passou, mas mostrou com muita maestria como dar a volta por cima e mostrar a força que a mulher tem dentro si.

A cada história fui me conectando e aprendendo mais sobre a essência do amor-próprio. Este livro me trouxe muitos insights para vida.

Mais uma vez quero parabenizar a Ana por esta grande obra que com certeza fará um bem imenso a suas leitoras e amigas.

Gratidão!!!

Keli Anjos

O livro "Mulheres que se Amam" é aquele tipo de livro que a gente lê e vai reverberando. São histórias de superação de 30 mulheres que buscaram uma forma de sobreviver a algum desafio, e se reconectaram consigo mesmas e com a divindade superior, com muita garra, força de vontade e fé. E assim, realizaram este sonho de escrever este livro, e assim, servirem de inspiração para tantas outras mulheres, como eu. A formação de Autoestima que todas participaram e que hoje fazem parte de apenas 300 especialistas no mundo, foi



além de uma capacitação: é o transbordar da mulher segura e confiante com muito amor e compaixão, por si mesmas e por todas as almas que elas tocarão, assim como já fui tocada. Que projeto mais lindo! Gratidão!

Tati Amorim

Sua história Ana Kekligian é aquele filme ou livro, baseado em história real com final feliz que todos amam ver. Mas você nos ensina que para ter esse final, precisamos de Deus, autorresponsabilidade, autoestima, ação e persistência.

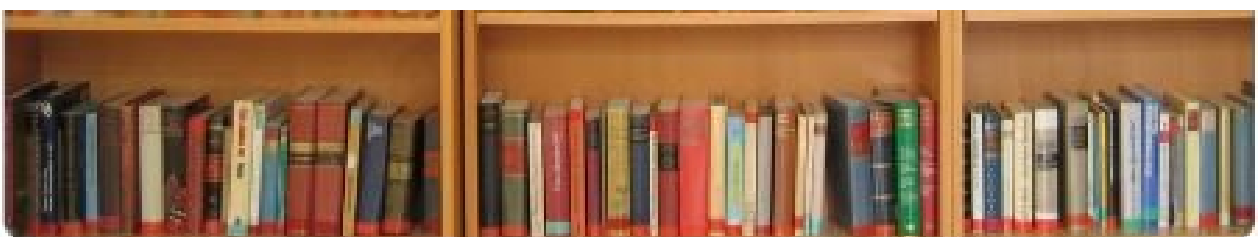
A frase que seus coachees te disseram “obrigada por nos mostrar que você nos ensina, funciona mesmo!”, não só te dá forças, como nos confirma a cada dia que todas as técnicas que aprendemos com você, será para vida toda, dia após dia, melhorando sempre!

Obrigada Ana, você é Luz em nosso caminho. ♡

Adriana Santiago

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ana Kekligian: Agradeço a oportunidade dessa entrevista e dedico esse livro a todos os meus coachees, minhas amigas, meus filhos e em especial ao meu Oasis, Wagner Silvestre.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA COM BEN FRANZ



Ben Franz

Ben Franz (Benno Franz Kialka) nasceu na Alemanha em 1948. Mora no Brasil desde 1960 e é brasileiro naturalizado. É graduado em Administração de Empresas pela FGV-SP, com mestrado acadêmico obtido na Universidade de Pittsburgh, EUA. Atuou na profissão de Administrador por 36 anos, em empresas multinacionais, e por isso morou fora do Brasil por sete anos. Diplomou-se Psicanalista pelo IBCP-SP e desde 2012 exerce a profissão de psicoterapeuta, com atendimento presencial ou virtual. Reside em Itajubá, MG.



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ben Franz: Redigir textos em alemão, inglês ou português sempre foi uma de minhas atividades profissionais.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "33 crônicas de um psicanalista". Poderia comentar?

Ben Franz: O livro é o resultado de minhas observações sobre a vida, no plano individual e no plano coletivo, e na perspectiva psicanalítica formada em centenas de sessões terapêuticas. Chega a ser um livro de dicas para um viver mentalmente saudável.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ben Franz: A inspiração deriva da conscientização dos meus pensamentos, o que leva à formulação de teses, hipóteses ou meros pontos de vista, que acabam sendo instrumentos de estímulo à reflexão de meus pacientes psicanalíticos ou de leitores de meu livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Ben Franz: “A Força de Vontade é uma energia, mas, ao mesmo tempo, é um bem escasso. Ela precisa ser gerada e isso pode ser bem difícil. Parcela considerável da população não consegue planejar a vida. Geramos a Força de Vontade com os nossos pensamentos conscientes. Quando conseguimos nos lembrar conscientemente dos pensamentos que temos e conseguimos transformá-los em ações comportamentais, incorporamo-los em nosso acervo intelectual. Esse acervo torna-se a fonte à qual recorreremos quando conscientemente estabelecemos os objetivos que queremos alcançar para vivermos felizes.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ben Franz: O livro está disponível no comércio livreiro, em edição física ou eletrônica. Para um “insight” mais profundo em quem sou eu, sugiro a navegação pelos instrumentos internet e redes sociais.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Ben Franz: Persistam no objetivo de divulgar suas ideias quando estiverem certos de que sejam úteis à sociedade.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ben Franz: Continuo a escrever novos textos regularmente, até porque sou membro da Academia Itajubense de Letras e, quiçá, poderão ser agrupados em um novo livro: “Mais 33 crônicas...”?

Perguntas rápidas:

Um livro: “Se eu pudesse viver minha vida novamente”, de Rubens Alves. Leitura atual.

Um ator ou atriz: Julia Roberts.

Um filme: O poderoso chefão.

Um hobby: Canto coral, leitura e ouvir boa música.

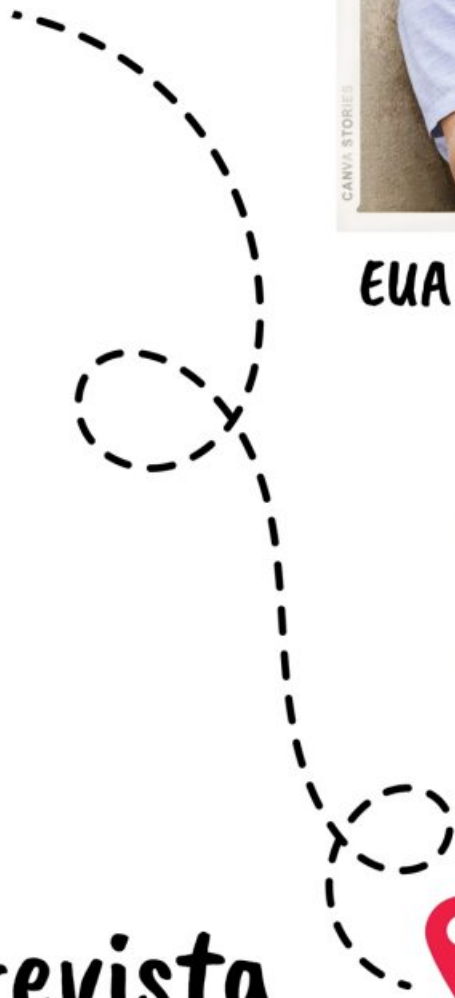
Um dia especial: Todo dia é especial quando sabemos viver racional e conscientemente.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

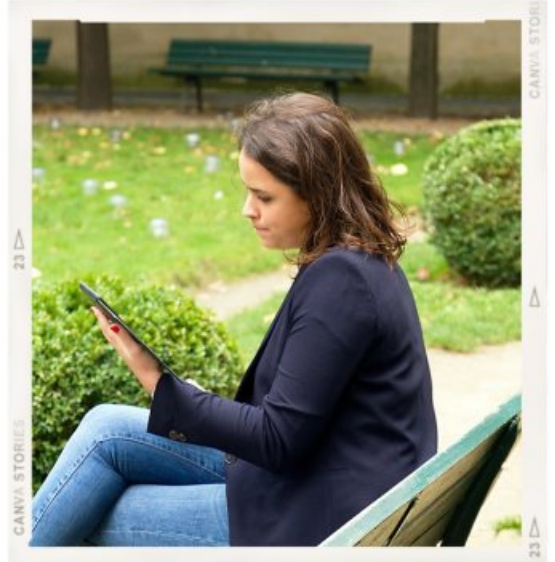
Ben Franz: Para termos uma boa qualidade de vida precisamos nos entender. A Psicanálise torna isso possível.



Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ENTREVISTA COM LEONARDO GALVÃO

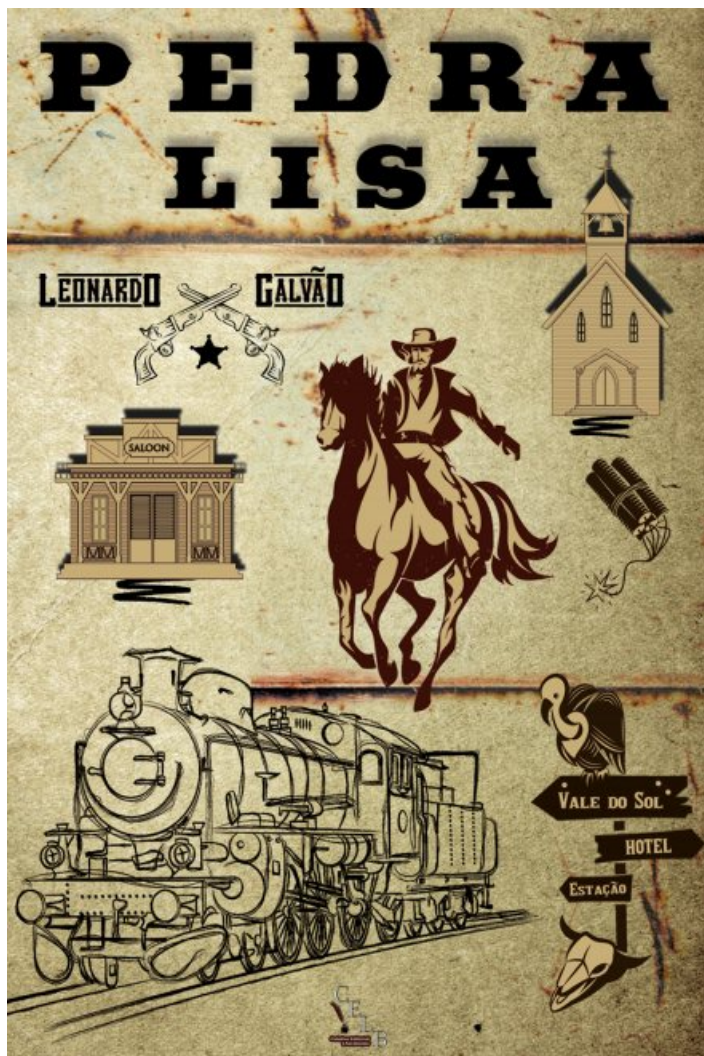


Leonardo Galvão

Professor licenciado em Geografia, especialista em Museografia e Patrimônio Cultural. É autor dos livros "Pedra Lisa", "Insular", "O Pesadelo do Príncipe" e "Contos e Encontros Piratas", além de muitos contos assustadores publicados em diversas antologias.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?



Leonardo Galvão: Comecei a escrever ainda no Ensino Médio, para trabalhos e apresentações na escola. Escrevia peças de teatro, pequenos contos e músicas, naquela época, mas nunca pensei em desenvolver isso a nível profissional.

Após alguns anos, já formado na graduação, decidi voltar a escrever com o intuito de despertar o interesse dos meus alunos para a história marítima, principalmente relacionada à do Brasil. Então montei um blog e passei a publicar alguns contos em PDF, disponibilizando-os direto na página. Com o tempo, surgiu a ideia de publicar um livro de forma independente, e cheguei a obter dez volumes de um impresso bastante simples. Esse mesmo livro chegou até as mãos de uma editora, que me convidou a publicar com eles, iniciando assim meu trabalho no meio literário no ano de 2016. Em seguida, fui convidado para participar com contos

em algumas antologias e, desde então, permaneço escrevendo e publicando.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Pedra Lisa". Poderia comentar?

Leonardo Galvão: Posso dizer que é uma ficção divertida e prazerosa. Uma forma diferente de contar a história da cidade de Itapevi, com personagens fortes e cativantes num cenário acolhedor do interior de São Paulo do século XIX. O livro tem toques de suspense, muita ação e aventura. É uma grande homenagem ao município e aos filmes clássicos de faroeste.

Penso nessa história como o tipo que eu contaria ao meu filho em uma tarde de domingo ou leria durante uma viagem de férias para o interior.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Leonardo Galvão: O processo de escrita do livro “Pedra Lisa” foi um pouco diferente dos anteriores, principalmente por não ser relacionado ao tema marítimo. Ao contrário dos trabalhos anteriormente publicados, desta vez não investi muito tempo com pesquisas históricas. Decidi escrever uma ficção sem a rigidez factual utilizada em “O Pesadelo do Príncipe” e “Insular”. Trabalhei de forma mais livre, criando algo leve e fluido embasado em algumas histórias da cidade, personalidades importantes na emancipação do município e diversos relatos contados por minha família.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Leonardo Galvão: Gosto muito do começo do terceiro capítulo:

“— Estação terminal, Itapevi! Todos os passageiros devem desembarcar!

O homem de uniforme, tocando um sinete, repetia essas palavras enquanto a grande composição diminuía sua velocidade e parava na estação. Apesar de longa, a viagem chegava ao fim.

Os passageiros levantaram-se pegando suas bagagens, olhando também se haviam esquecido algo nos bancos, e começavam a se dirigir para as portas. As mães orientavam seus filhos a ficarem próximos e tomarem cuidado com os degraus e o vão entre o trem e a plataforma.

Henry permitiu que os mais apressados saíssem primeiro, levantou-se, ajeitou sua roupa e pegou sua bagagem de mão. Havia ainda uma mala maior para pegar no vagão de bagagens.

Saindo do vagão de passageiros, sentiu o ar abafado e quente lhe atingir como uma onda no rosto. Como previsto, chegou já com o dia amanhecido e a claridade já estabelecida pelo sol. Com um passo largo deixou a composição e pisou na plataforma de madeira. Seguiu até a área de bagagens onde mostrou o bilhete ao funcionário que entregou sua mala que continha roupas e instrumentos de medição. Lembrou-se que estava armado, e colocou a mão na cintura para ajeitar o cinto e o coldre de seu revólver, torcendo para não precisar usá-lo.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Leonardo Galvão: Através do meu blog Leonardo Galvão – Escritor (<https://leonardohenriquegalvao.blogspot.com/>), lá encontrarão links para aquisição dos livros, informações sobre trabalhos publicados anteriormente, programação de eventos e dados para minhas outras redes sociais. Também há um espaço no blog para àqueles que desejarem entrar em contato comigo utilizando o e-mail.

Aqueles que preferirem, podem me seguir diretamente no Instagram através do user @cap.leonardo.galvao.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Leonardo Galvão: Leiam muito e escrevam bastante. A constância é mais importante que a velocidade. E, acima de tudo, acreditem na sua história. Tenham prazer e orgulho ao falar sobre seu trabalho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Leonardo Galvão: Estou organizando a antologia “Musicontos e Percepções: Para Ler e Ouvir”, que será publicada no segundo semestre de 2023 pelo Coletivo Editorial Literabooks e, em breve, iniciarei a escrita de uma continuação para o “Pedra Lisa”.

Perguntas rápidas:

Um livro: Um cântico de Natal – Charles Dickens

Um ator ou atriz: Sean Connery

Um filme: Indiana Jones (todos)

Um hobby: Tocar violão

Um dia especial: Natal

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Leonardo Galvão: Quero agradecer à Revista Conexão Literatura pela oportunidade de falar um pouco sobre meu trabalho. Aos leitores, agradeço por todo apoio ao longo dos anos e neste novo projeto. Espero, de coração, que se divirtam tanto quanto eu com as minhas histórias.



NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

 **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

⁺



ENTREVISTA COM PAULO TAVARES



Paulo Tavares

Paulo Roberto Tavares Pereira nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 26 de março de 1944. Casou-se com Maria José, nascendo os filhos Paulo Filho, Dalila Esther e Antônio Luís.

Formado em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas Gerais (FACESM) e bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas. Possui curso de especialização lato sensu em Docência do 3º Grau pela Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (FEPI).

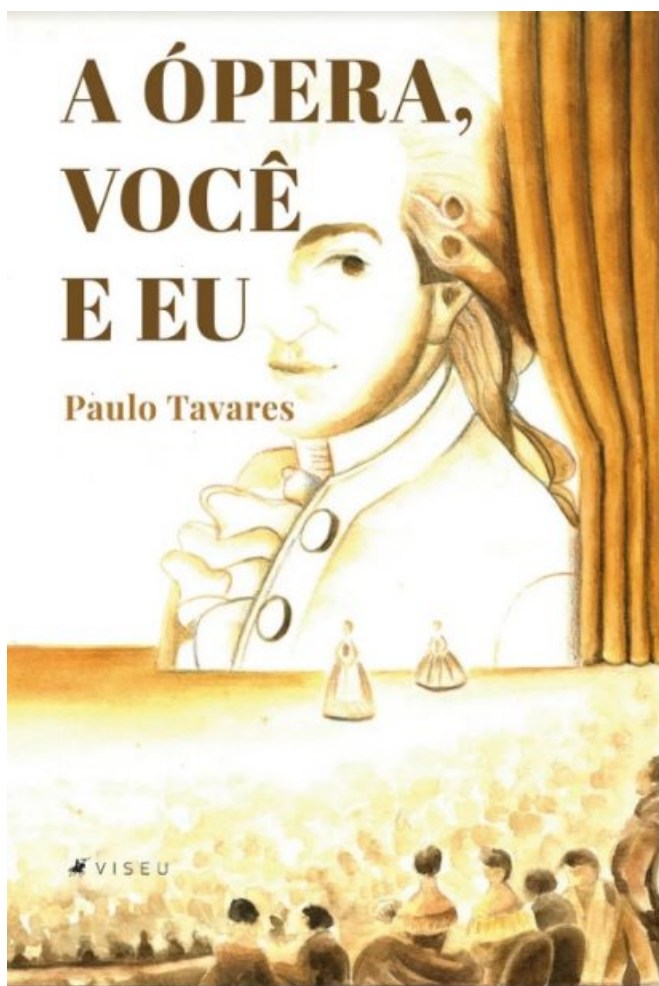
Já atuou como Diretor Comercial, Diretor Superintendente, agropecuarista, comerciante e professor de Economia e Mercado. Mas desde 1991, quando concluiu sua graduação em Direito, exerce a profissão de advogado, tendo sido Conselheiro da 23ª Seção da OAB/MG.

Durante o período de 1994 a 2003, foi voluntário na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Itajubá, aonde exerceu o cargo de Presidente do Conselho Deliberativo. Pertenceu também ao Conselho Municipal de Assistência Social de Itajubá. Foi também sócio representativo do Rotary Club de Itajubá de 2004 a 2019, ocupando os cargos de Secretário e Presidente. Atualmente, é membro efetivo da Academia Itajubense de História e Academia Itajubense de Letras e ocupa o cargo de Vice-Presidente. É autor dos livros “A ÓPERA VOCÊ E EU”, “O QUARTETO DE NOVELAS” e “O QUARTETO DE NOVELAS II”, todos os livros publicados pela Editora Viseu. Atualmente está escrevendo “O QUARTETO DE NOVELAS III”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Paulo Tavares: Parece estranho o que vou falar. Eu sempre escrevi muitos artigos que versavam sobre enredos de óperas juntamente com suas análises e sempre acompanhados por algumas informações sobre a vida do compositor. Mas esse livro “A ÓPERA VOCÊ E EU” nasceu por incentivo de minha filha. Certa vez estava ouvindo Aída de Giuseppe Verdi e comecei a lhe explicar o que estava acontecendo. Ela me disse em bom tom: “pai, você precisa escrever um livro dessa maneira”. Logo em seguida ela sugeriu o nome do livro. Livro esse que ficou 17 anos esperando a sua publicação. Mas enfim aconteceu em 2021. Depois durante a pandemia em tive que fazer isolamento social, pronto, afastado do escritório comecei a escrever novelas, e já tenho dois livros públicos O QUARTETO DE NOVELAS e o QUARTETO DE NOVELAS II .



Conexão Literatura: Você é autor do livro “A Ópera, Você e Eu”. Poderia comentar?

Paulo Tavares: A maioria dos livros que fala sobre ópera sempre exige dos leitores algum conhecimento de música. Mas “A ÓPERA, VOCÊ E EU” não tem esse perfil. Foi escrito de leigo para leigo. Seu objetivo é a abordagem das óperas que tenham cunho político, social e histórico. Não foram escolhidas aquelas mais famosas ou de grande bilheteria, mas sim as que tenham esses temas dentro de seus enredos e que, com certeza, marcaram uma época. Neste livro você encontrará também um relato sobre a vida do compositor, sobre a sociedade em que ele vivia, bem como a situação política de seu país para que se possa melhor entender a sua música e o que o compositor quis mostrar com aquele seu trabalho.

Não é um livro musical, nem mesmo um livro de história. Ele busca relatar o

esplendor de uma forma de teatro e que marcou uma época. Ao ler o livro será possível entender e descobrir as incertezas e desvendar a verdade de um determinado fato histórico. Não há necessidade de se prender a diretrizes cronológicas ou até mesmo qualquer método de classificação. O que realmente se pretende é percorrer os temas

escolhidos e que poderão ser lidos na ordem que melhor aprouver. O que torna este livro como sendo um tema puramente cultural, levando o leitor à elucidação de uma arte, a ópera, desvendando seus mistérios e suas histórias.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Paulo Tavares: O livro “A ÓPERA VOCÊ E EU” realmente nasceu por diversos artigos que fui escrevendo durante a minha vida. Depois baseados naqueles artigos pude acrescentar e ver realmente o que eu queria mostrar dentro do contexto. Já com os outros dois livros que escrevi novelas nasceram num momento em que procurei fazer alguma coisa para matar o tempo de isolamento social. E por incrível que pareça nascem as novelas primeiramente com o título escolhido e imagino como deverá ser o final, pronto, daí início o processo de escrita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Paulo Tavares: Com certeza.

Há muitos filmes que utilizam trechos líricos para ilustrar sua trilha sonora e, com certeza, na maioria deles, essas árias ou trechos não condizem com a realidade da cena que se quer mostrar, tornando-se até certo ponto pitoresco e inadequado. Mas no filme *Filadélfia* de direção de *Jonathan Demme*, estrelado por *Tom Hanks* e *Denzel Washington* uma das músicas da trilha sonora é *La mamma morta* interpretado por *Maria Callas*.

O filme se baseia na vida de um jovem e promissor advogado, *Andrew Beckett* (*Tom Hanks*), que é demitido da empresa em que trabalha por ser portador do vírus da AIDS. Ele contrata *Joe Miller* (*Denzel Washington*) para ajuizar uma ação de indenização baseada na discriminação que sofreu por ter uma doença além de contagiosa, muito preconceituosa.

Quando *Andrew Beckett* e *Joe Miller* se reúnem para discutir sobre o depoimento pessoal na audiência que ocorrerá no dia seguinte, a música de fundo nada mais é do que a ária *La mamma morta* com *Maria Callas*. E, toda vez que *Miller* tenta direcionar as perguntas que poderão ocorrer no tribunal, *Beckett* começa a falar sobre a ópera, mostrando a situação de *Maddalena*. Assim se vê claramente que a situação do advogado é a mesma da *Maddalena*. Não importa mais o que possa ocorrer, assim como *Maddalena*, *Beckett* também já se sente acabado, uma pergunta a mais ou a menos, um homem a mais em sua vida ou a menos, pouco importa ambos já se sentem liquidados.

Na ária “*La mamma morta*”, *Giordano* consegue mostrar o desespero de uma mulher em se dispor a salvar o homem a quem ama. Já no filme *Filadélfia*, quando ocorre uma considerável mudança de cenário e época, a música composta por *Giordano* consegue retratar a angústia de um homem ultrajado pela discriminação social.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro?

Paulo Tavares: O livro foi editado pela “EDITORA VISEU” e está disponível na Amazon.com, Magazine Luiza, Saraiva, Americanas, Livraria Cultura. Eu tenho alguns exemplares disponíveis. Podem também entrar em contato pelo meu facebook “Paulo Tavares” que o leitor irá receber um exemplar. O livro também pode ser encontrado no eBook, uma edição virtual.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Paulo Tavares: A dica que eu dou é que não desista de seus projetos. Procure ser persistente. Um dia acontece. Pronto e lá surge um novo escritor.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paulo Tavares: Sim. Estou trabalhando no QUARTETO DE NOVELAS III – que terá quatro novelas: A Real vida Irreal, Um gosto de Festa, O Menino e as Estrelas e Pimenta, Amor e Azeitonas.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Vingança do Judeu

Um ator ou atriz: Toni Ramos

Um filme: A noviça Rebelde

Um hobby: Ouvir, assistir e ler sobre ópera.

Um dia especial: Acho que todos os dias para mim são especiais.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Paulo Tavares: Gostaria que o leitor da Conexão Literatura estivesse sempre atento para descobrir e se encontrar com qualquer atividade de cultura e arte que estão faltando em nosso país.





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

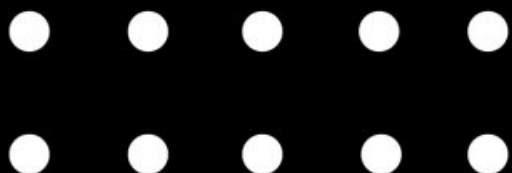
DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

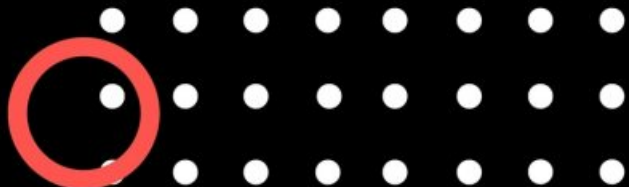
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)





CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





MONTEIRO LOBATO

Tudo vem dos sonhos.
Primeiro sonhamos
depois fazemos.





EVA FURNARI

O faz de conta é importante para a criança. Ao simbolizar, o inconsciente manifesta-se. O ser humano que não consegue simbolizar se desequilibra psiquicamente.



PEDRO BANDEIRA

Eu acredito que minha
profissão seja de
plantador de esperança.
Eu acredito nisso. É por
isso que eu escrevo. É por
isso que eu vivo.



NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



TRÊS JOVENS INTERLIGADOS
VIVENCIAM AS FERIDAS QUE
NOSSA SOCIEDADE
PERPETUA: VIOLÊNCIA,
INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA
COMUNIDADE CARENTE DO
LITORAL DE
SÃO PAULO

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR ADEMIR PASCALE

O ÚLTIMO HOMEM

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fevereiro de 2025.

Visão embaçada. Sensação de angústia. Formigamento. Frio. Foi exatamente isso o que ele sentiu quando saiu cambaleando de dentro do grande cilindro. Seminu e descalço, caminhou até a porta do cubo. Trancada. Sentou no único banco de metal e tentou recordar o que diabos fazia ali, e pouco a pouco as lembranças foram surgindo e os acontecimentos entrando nos eixos.

A primeira lembrança foi que não estava sentindo sua constante dor de cabeça.

A segunda lembrança, que veio como um baque, foi que nunca mais veria a sua querida Antônia.

A terceira lembrança, que gerou-lhe um conforto momentâneo, era que estava fora da penitenciária.

Mas, afinal, você nem sabe sobre o quê eu estou falando, não é verdade? Bom, primeiramente falarei sobre David, depois você entenderá como e porquê ele foi parar dentro do Cubo, além de um acontecimento extraordinário que o aguarda fora dele.

Sim, este é David

Janeiro de 2024.

As noites de sexta-feira na Avenida Paulista são movimentadas e luminosas. Os bares, cheios de pessoas alegres e garçons atarefados. Os motoristas de ônibus passam cansados pela avenida e se imaginam sentados naquelas cadeiras tomando uma cerveja gelada. Os cobradores, idem, ou pelo menos os que ainda permanecem acordados em seus assentos.

Mas nem tudo é alegria e descanso.

Algumas lojas continuam com suas portas abertas até às 22 h. David, um rapaz de vinte e dois anos, trabalha numa delas. Uma das poucas lojas de CDs e DVDs. Os seus olhos cansados visualizam no relógio que faltam cinco minutos para o final do expediente.

Ele conta os segundos.

Dois clientes entram na loja, e quando isso acontece, o vendedor é obrigado a permanecer até eles irem embora.

David ganha um salário mínimo mensal, mais comissão de dois por cento sobre as vendas, mas não suporta trabalhar depois do horário.

E não suportaria nem se a comissão fosse dez por cento.

Ele agacha atrás do balcão, assim como fazem outros dois vendedores experientes. O gerente vê a cena, mas já está acostumado. O novato que começou na semana passada continua em pé, e ele é o último a ficar na loja.

Finalmente fora da loja, David caminha lentamente pela calçada da Avenida Paulista e o seu destino é a Avenida Consolação. Ele poderia ir de ônibus, mas sempre prefere fazer esse roteiro a pé. Sentir a brisa e ver a imensidão daqueles prédios, trazia um certo conforto para a sua mente cansada.

Mas ele esqueceu de algo importante. Muito importante: era sexta-feira, a noite mais agitada da semana.

O falatório, gritos e risos das pessoas na rua, bares e pontos de ônibus lotados, causam-lhe uma terrível dor de cabeça.

Na realidade ele sempre sentia dores de cabeça. E qualquer motivo era motivo para sentir.

Mas geralmente isso acontecia quando estava para chegar em casa.

Ele precisava ingerir seus milagrosos remédios antidepressivos.

Parou num bar e fez algo inusitado: pediu uma cerveja para engolir com os comprimidos. Precisava averiguar se a contra-indicação de sua bula realmente funcionava.

E funcionou.

A dor de cabeça não cessou. Mas estava diferente; aguda e latejante, não apenas um simples incômodo como sempre sentia.

E conforme andava, as dores aumentavam.

Tentou pressionar a cabeça com as mãos enquanto cerrava fortemente os dentes, mas não adiantou. Alguns pedestres notam o desespero do rapaz, mas logo disfarçam e desviam o olhar.

David tentou pensar em algo diferente para esquecer da dor, mas todo o seu pensamento estava concentrado justamente nela.

Ele gritou e correu desesperadamente até a porta de um hotel de luxo. Entrou. Afundou as nádegas num confortável sofá próximo a recepção. Levantou-se, pegou um jornal, abriu e escondendo o rosto entre ele, passou despercebido pelo recepcionista.

Entrou no elevador e foi até o último andar. Subiu uma escada e abriu uma porta. Estava no topo do mundo. E lá de cima, imaginou ser Deus, e pode ver uma imensidão de prédios e pessoas como formigas em passos minúsculos e lentos.

Parecia que a dor de cabeça estava cessando.

Mas logo retornou ainda mais forte.

Ele precisava eliminar àquela dor. Teria que fazer algo, mas não sabia o quê.

Mastigou vários comprimidos e os engoliu, deixando alguns detritos parados na garganta.

O desconforto era insuportável: dor latejante na cabeça, falta de ar e olhos lacrimejantes.

David corria de um lado para outro tentando arrancar os próprios cabelos. Parou próximo ao parapeito. Olhou para baixo e viu uma única opção para cessar seu sofrimento: pular.

Mas antes de concretizar o seu plano, alguém segurou a sua camisa. Era o segurança do hotel que viu através da câmera do elevador o desespero do rapaz que se contorcionava loucamente.

— Você está louco, rapaz?

— Estou. Estou louco para acabar com esse sofrimento. Não aguento mais, a minha cabeça parece que vai explodir.

David começa a se debater, e tentando se livrar do obstáculo de músculos, empurra o segurança para a morte.

E sem tempo para arrependimentos ou remorsos, o rapaz desce a escadaria e retorna para o elevador. E antes de colocar as mãos sobre o rosto e fincar as unhas na pele, ele aciona o botão “térreo”. Mesmo com a mente confusa, tenta resgatar um

resquício da sanidade que lhe sobrara, passando em passos apertados e rápidos pela recepção, como uma pessoa desesperada para sanar suas necessidades num vaso sanitário, mas que está bem distante dele.

Na calçada, a dor em sua cabeça intensificou-se ao ver o corpo do segurança ensanguentado sobre o asfalto. Parecia que alguém tocava um tambor dentro do seu cérebro.

BUM!

BUM!

BUM!

Uma pequena multidão se aglomera ao redor do defunto, como se assistissem ao final de uma copa do mundo. David passa despercebido por elas. Caminha ziguezagueando por duas quadras. Abraça um poste e bate a sua testa sobre ele, uma, duas, três vezes, até desmaiar.

A Enfermeira

David acorda num leito de hospital e verifica que está seminu embaixo do lençol. Em sua testa, um curativo. O seu braço esquerdo, amarrado na grade da cama. Sobre o seu dorso uma HQ do Batman. Na porta da entrada do quarto, um homem negro vestido de branco preenche algo sobre uma prancheta. Ele faz algumas perguntas para o acamado:

— Que bom que o senhor acordou. Está tudo bem? Está com fome?

— Estou morrendo de fome. Mas diga, por que estou amarrado?

— O senhor se lembra do seu nome?

— Claro, David... David Barcelar.

— O senhor toma algum medicamento?

— Sim, alguns comprimidos antidepressivos.

— O senhor desmaia com frequência?

— Olha, por enquanto só eu estou respondendo as perguntas, mas você não respondeu uma única que fiz para você. Por que estou amarrado?

— Calma, que já, já voltarei com o seu lanche e mais alguns remedinhos.

— Mas que merda! Não quero saber de droga de remedinhos, quero é sair daqui.

O homem sai do quarto sem responder a pergunta. David fica descontrolado e tenta soltar o braço preso na cama, mas uma mão feminina acaricia o seu rosto.

— Humm, acordou? Leu a revistinha do Batman que deixei para você?

O rapaz leva um choque ao ver a enfermeira que está quase sobre ele. Uma mulher jovem, mas com aparência madura, cabelos oxigenados, largo sorriso, corpulenta e muito, muito maquiada.

David não sabia que enfermeiras podiam se maquiar tanto assim.

Ela desamarra o jovem. Tranca a porta do quarto. E aperta o dedo indicador sobre os lábios pedindo silêncio. Em seguida, abre a janela e mostra que estão no primeiro andar do hospital. E como David não é idiota, sabe que ela o está ajudando, mesmo não sabendo o real motivo da ajuda.

Em seguida ela lhe dá um beijo e belisca as suas nádegas nuas. Devolve a sua roupa e caminha até a outra ponta do quarto, permanecendo de costas por alguns segundos, até o rapaz perceber que ela finge não notar a sua fuga.

Ele pergunta o seu nome, e num sussurro descobre que é Antônia.

E sem se despedir, pega sobre a mesa um punhado de biscoitos água e sal, e foge pela janela. Mas no impulso, não percebeu que faltava algo importante em seu bolso: o seu frasco de comprimidos antidepressivos.

Obsessão

David descobriu que Antônia saía todos os dias, de segunda a sexta, às quatorze horas da tarde. Virou uma obsessão esperá-la escondido atrás de uma árvore, até o fim do seu expediente no hospital.

O horário na loja de CDs e DVDs, resolveu fácil, ia almoçar todos os dias às treze e meia, corria até a Avenida Nove de Julho e ainda lhe sobravam quinze minutos para comer um cachorro-quente enquanto aguardava a moça.

Mas um dia, além de observá-la, passou a segui-la. David era um grande observador e sabia todos os seus gestos e vícios. Parecia que ela ensaiava, pois repetia sem margens de erros os mesmos gestos: sai apressada do hospital, com um casaco marrom sobre o avental branco e com um cigarro no canto direito da boca. Para em frente ao terceiro banco da praça. Coloca os cabelos atrás das orelhas. Abre a sua bolsa — uma imitação barata de couro — retira uma caixa de fósforos e com muita experiência, risca a cabeça do palito na caixa e acende o seu cigarro — David não entendia porquê ela simplesmente não utilizava um isqueiro — depois olha para o céu, enquanto traga com força, deixando a ponta do cigarro vermelha e nítida. E continua a sua caminhada, mas agora não com tanta pressa. O seu olhar era sempre vazio, como se olhasse para algo sem notar o que estava olhando.

David tentava imaginar o que Antônia imaginava. Mas imaginava que era difícil imaginar o que uma mulher imagina. E antes de continuar com suas repetições chatas do verbo “imaginar”, simplesmente esquecia do assunto, ou imaginava que esquecia.

Antônia não residia tão longe. Cerca de dez minutos do seu local de trabalho. E David já conhecia a sua casa de vista, pois passara, desde criança, inúmeras vezes naquela rua.

Ela morava num local “aparentemente” aconchegante. Um sobrado branco e grande, com um jardim que não fazia jus a casa, pois o mato, além de espesso, escondia as suas poucas flores, deixando um ar de abandono. No canto esquerdo do imóvel, três placas de “vende-se”, uma de cada imobiliária diferente.

David não sabia se ela morava sozinha, com os pais ou mesmo com o esposo, mas não acreditava que ela fosse casada. Pelo menos ele ansiava por isso. Então passou a observá-la dia e noite, pois queria saber todos os seus segredos; aonde ia, com quem conversava e os lugares que frequentava.

Não é difícil dizer que David perdera o emprego, demitido por ter comparecido à loja depois de vinte e três dias de faltas consecutivas, sem dar nenhuma explicação plausível.

Mas teve êxito na perseguição, descobrira que a moça vivia com os pais, não era casada, mas permanecia num relacionamento enrolado, daqueles que o casal não sabe se namora, se são casados, separados ou simplesmente amigos.

O rapaz, aparentemente pouco mais velho que ela, era um homem comum. Comum até demais: uma pessoa apagada, baixa, magra, com corte de cabelo fora de moda e vestes simples. Enfim, uma pessoa que passaria despercebida em qualquer lugar.

E mesmo com toda essa simplicidade, David o invejava. Queria ser como ele. Queria estar no lugar dele. Passou a pensar mais nele do que nela.

Precisava separá-los de qualquer maneira. Então passou a também persegui-lo. Descobriu que seu nome era Maycon. Um perfeccionista de vinte e oito anos que adora cozinhar. Mas que ainda não passava de uma pessoa comum. David queria ser comum como ele, mas não conseguia. Ele achava difícil ser comum. Então saiu das sombras e passaram a ser amigos, algo até fácil, depois de uma conversa na fila do caixa do supermercado sobre receitas de strogonof.

David estranhou o modo como as pessoas sorriam e o olhavam na fila. Parecia que homens não podiam conversar sobre culinária, como se mulheres não conversassem sobre carros e futebol.

Não que David entendesse de receitas. Mas strogonof de frango com milho verde foi a única receita que conseguira decorar para conquistar o novo amigo.

Maycon passou a frequentar a casa de David. David passou a frequentar a casa de Maycon, e numa dessas visitas, Antônia apareceu, trouxe um maço de flores para o seu companheiro, que jogou em cima da mesa sem dar importância. David ficou num canto da parede sem ser notado, mesmo sendo. E estático como uma estátua, achou a cena desconcertante. Em seus vinte e dois anos de vida, nunca presenciara uma mulher presentear um homem com flores, a não ser viúvas em enterros. *Será que Antônia premeditava a morte de Maycon?* Pensamento que surgiu momentaneamente, mas tentou ignorar a situação, e não conseguiu, como sempre acontece em situações estranhas das quais presencia.

— Humm, que cheirinho bom de feijão — Antônia vai até o fogão, retira a tampa da panela de pressão e verifica o caldo denso ainda borbulhante e com uma concha, enche o prato. — Delícia!!! Só você, Maycon, para fazer um feijão com bacon tão delicioso.

David, ainda estático, gira apenas os olhos, mas precisa dizer algo, ânsia por isso, como se as palavras quisessem sair de sua boca por vontade própria.

E sem dar importância se Antônia pudesse reconhecê-lo do hospital, conversa com ela.

— Bonitas flores!

— Eu também acho, mas parece que tem gente que não acha — diz Antônia com a boca aberta mastigando feijão.

— Sou homem, mas adoro flores — mente David.

— Mas, afinal, quem raios é você e o que faz aqui? Gosta de flores, é? Humm... muito estranho. Você e o Maycon não estão tendo um caso, né? Porque se tiverem, é só falar, juro que vou “tentar” entender.

— Pô, Antônia, está me estranhando? Primeiro me dá flores, e agora diz isso? Não tenho nada contra quem curte o mesmo sexo, mas gosto do sexo oposto, sou homem com “H”, saco, e se veio para torrar a minha paciência, pode ir embora — diz Maycon apontando para a porta de saída.

— Se é assim que você quer, fique então com o seu feijão e o seu novo amiguinho, ou melhor, namoradinho, mas não me procure mais, nunca mais.

Antônia joga o prato sobre a mesa, pega a sua bolsa vagabunda de imitação de couro, sai e bate a porta, mas volta para soltar a alça que ficara presa. Bate a porta novamente, agora com mais força. Abre novamente, e num tom irritante, quase estridente, diz o inesperado:

— E sei muito bem quem você é, seu magrelo, acabei de lembrar dos seus comprimidos antidepressivos lá no hospital. Joguei todos fora.

Antônia bate novamente a porta, deixando um retrato de infância de Maycon que estava pendurado na parede se espatifar no chão. Ele se irrita, pega as flores em cima da mesa e as arremessa pelos ares, enquanto David vê pela janela a mulher da qual está apaixonado, indo marchando, com a mão dentro da bolsa, procurando por algo, provavelmente o seu maço de cigarros. Maycon abre a porta e atira o prato com feijão na rua, enquanto grita para ela nunca mais voltar. Ela para, olha para trás já com o cigarro na beira dos lábios, pega a caixa de fósforos e o acende, para depois jogar o palito a esmo. Traga profundamente e olha para o céu enquanto faz anéis de fumaça, se vira e vai embora rebolando como nunca, como se dissesse, sem dizer, uma única palavra: “trouxa”.

E com as veias quase explodindo no pescoço, Maycon grita seus últimos impropérios:

— E vá comer feijão na *putaquiopariu*, sua ingrata.

Depois de conhecer a forte personalidade da garota, David fica ainda mais apaixonado. Maycon ficou envergonhado com a cena, e chegou a cogitar a hipótese de separação definitiva. David o apoiou.

Dois dias depois, por telefone, eles finalmente se separaram.

Maycon chorou. Antônia fumou mais um cigarro. David sorriu.

Este era o momento certo para conquistar a moça, livre e desimpedida.

Mas como sempre, as coisas não são tão fáceis. Na realidade, era mais difícil do que David imaginava.

Mais uma vez, não!

David achava estranho o comportamento de Antônia, afinal, foram três anos de enrotação com Maycon. Ela estava tranquila, como sempre. Ele, em apenas duas semanas, emagrecera assustadoramente. Ela continuava fumando, olhando para o céu e fazendo anéis de fumaça. Ele caiu na depressão. Ela passou a adotar um batom de tom vermelho mais forte nos lábios. Ele não conversou mais sobre receitas. Ela parecia mais feliz e sempre estava com um sorriso malicioso, como se pensasse em algo que fizera com

alguém na noite anterior. Ele parou de frequentar o supermercado. Ela frequentava outra casa.

E é justamente sobre esta “outra” casa que David passou a matutar dia e noite. Queria saber o que ela fazia ali todos os dias, duas, três horas e às vezes a noite inteira. Não conseguia ver ninguém, pois Antônia tinha as chaves da casa. E por este motivo descartou a possibilidade de ser uma simples amiga.

Provavelmente era um novo caso. Ou um caso antigo. David não conseguia descobrir o que se passava naquela cabeça de cabelos oxigenados. Foi então que passou a ser mais ousado. Aproximou-se da casa na calada da noite. Passou pelo jardim e foi até a porta dos fundos. Mas o cão histérico do vizinho alarmou toda a vizinhança. Todas as luzes das casas do quarteirão se acenderam, e David teve que correr muito para não ser notado ou confundido com um ladrão.

Retornou na noite seguinte e acabou descobrindo que Antônia tinha uma amante.

A loucura tomou conta daquele homem. E desesperado, pensou na morte.

Mas não dele.

Delas.

Se ele não poderia ser feliz, elas também não.

No dia seguinte, David aguardou atrás de um poste a chegada de Antônia na casa da namorada. Ele tinha algo metálico na mão. Uma faca para cortar carne bem amolada.

E como sempre, ela chegou. David a olhou de cima em baixo. Mas não sentia mais o mesmo amor que sentia antes. Agora sentia ódio. E quando ela finalmente abriu a porta, ele a agarrou por trás. Mas, com uma simples cotovelada, ela jogou David quase no outro canto da sala. Enlouquecido, ele levantou e deu um salto com a faca apontada para o peito de Antônia, desferindo vários golpes.

O barulho e a gritaria chamou a atenção de Samanta, a garota de Antônia. Ela foi até a sala com uma vassoura e David levou várias vassouradas até conseguir perfurar o pescoço da garota que caiu logo em seguida em espasmos no chão.

Estava feito. Tudo estava acabado. David acabou com o seu sofrimento. Mas ao invés de correr, como qualquer assassino faria, ele permaneceu ali, sentado no sofá da sala, com as mãos ensanguentadas e com o olhar estático na bolsa de Antônia.

Quando a polícia chegou, encontrou além dos dois corpos no chão, um homem sentado no sofá, maquiado, vestido como enfermeira e com um cigarro aceso no canto direito da boca.

O Cubo

David foi condenado por duplo homicídio. E o seu caso piorou quando descobriram que ele também empurrou o segurança do hotel para a morte. Mas os seus assassinatos não acabaram por aí. Na cadeia, em seu primeiro dia, assassinou o colega de cela com um copo descartável. Ele introduziu o objeto na garganta do rapaz, até sufocá-lo. Isso apenas porque o rapaz não quis emprestar uma revistinha do Homem-Aranha.

E como as notícias correm rapidamente, os outros detentos passaram a temê-lo. Os guardas, idem. Ninguém queria um homem como aquele por perto.

Mas David não era o centro das atenções. Algo estranho estava para acontecer no mundo.

Na televisão do refeitório da detenção, o noticiário deu um alerta: *Cientistas afirmam que dentro de duas semanas milhares de meteoros cairão em diversas localidades da Terra, e será bem maior que a Leônidas, ocorrida em 1833.*

Esta foi a explicação dada para a população não cair em alvoroço. Pois, Leônidas, não passa de um simples fenômeno associado a passagem do cometa Tempel-Tuttle. O que está para cair na Terra não são simples meteoros, mas naves alienígenas poderosas, teleguiadas por habitantes hostis de um planeta fora do nosso sistema solar.

O governo brasileiro já sabia que algo semelhante um dia aconteceria. E para proteger o presidente, líderes e outros beneficiados, como grandes ricos, investiram muito dinheiro e trabalharam arduamente num projeto intitulado *O Cubo*.

A nossa história deu uma grande reviravolta, mas se eu não a contasse, você não entenderia o motivo de um simples maluco e assassino parar dentro do grande experimento chamado *O Cubo*.

Pois agora você entenderá melhor:

Os cientistas precisavam rapidamente de uma cobaia humana. O projeto *O Cubo*, consiste em armazenar corpos por longos períodos de tempo, até anos se for preciso, dentro de um cubo superprotegido. Algo que não pode ser destruído nem por uma bomba atômica.

Como cobaia, pensaram nos piores condenados brasileiros, oferecendo enganosamente a redução penal como prêmio. Mas os cientistas precisavam apenas de uma pessoa para testes e o diretor da penitenciária escolhida sabia certamente quem ele escolheria: David.

Bom, agora você sabe porquê ele foi parar dentro do *Cubo*.

Mas o que você não sabe, era que ele teria de permanecer apenas quatro dias lá dentro. E como sempre, problemas acontecem:

1 – Colocaram David devidamente entubado dentro de um cilindro no interior do Cubo. Fecharam a sua única porta e a programaram com uma senha para abri-la automaticamente depois de quatro dias.

2 – Mas no quarto dia ela não abriu. Algo deu errado em sua programação e seria preciso horas para reprogramá-la.

3 – Enquanto tentavam reprogramar a poderosa porta, os cientistas descobriram que também erraram nos cálculos da chegada das naves alienígenas.

E como era de se esperar, os humanos foram eliminados, um a um, e as cidades destruídas, restando apenas entulhos e pedras. E nem os animais nos campos foram poupados. Tudo foi devastado, exceto *O Cubo*, que permaneceu intacto, sem um arranhão.

E ao invés de quatro dias, a porta foi reaberta quarenta dias depois. O projeto funcionou. Mas todos os cientistas e seus investidores morreram, apenas por um erro de programação.

Seminu, David saiu do *Cubo*. Olhou ao redor e pensou estar num pesadelo, ou mesmo no inferno. Milhares de máquinas alienígenas trabalhavam incessantemente

recolhendo entulhos e corpos dilacerados. Outras trabalhavam em novas construções, muito semelhante as pirâmides do Egito.

Confuso e desesperado, David gritou o mais alto que pôde.

As máquinas pararam de trabalhar e focalizaram seus feixes de luz em uma única direção: David.

Ele engoliu em seco. E esta foi a primeira e última vez em que o último e mais miserável dos homens sentiu medo.



Ademir Pascale é paulista, escritor, ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CONTO
POR NEY ALENCAR



O Horror do Oni

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

1920. Tóquio.

O oni olhou as sombras escuras das casas que se espalhavam ao redor do telhado sobre o qual estava sentado. Sentia que havia algo diferente no meio daquela escuridão, algo anormal, algo que não estava certo. Mas não conseguia ter certeza do que era.

Seu tom de pele azulado contrastava com a luz pálida da lua crescente que surgia no horizonte.

Apertou os três olhos firmemente, vasculhando a escuridão que se entranhava pelo meio das paredes, tentando encontrar algo estranho ou diferente, já estava ali há várias horas, mas não havia nada fora do normal.

As silhuetas dos homens e mulheres se esvaíam pelo meio daquele labirinto caótico que chamavam de cidade, um bêbado em algum lugar cantou uma canção lúbrica, um moribundo de uma casa próxima gritou de dor, gemidos do cômodo abaixo dele o fizeram estremecer de horror ao pensar no que aquelas pessoas estavam fazendo.

Humanos eram criaturas tão horrendas, mas sua carne era deliciosa!

Lambeu os beiços largos de um azul escuro quase arroxeadado, passando a língua grossa e comprida, esverdeada, pelos dentes brancos e mexeu em uma das presas que se destacavam em sua boca larga.

Estava ficando com fome.

Desceu do telhado com um pulo certo e meteu-se por um beco fino entre duas casas de sapê.

Bateu nas paredes, assustando seus moradores e gargalhou ruidosamente.

Seguiu pelo emaranhado de casas rústicas até um beco mais distante, no buraco de uma das paredes do fundo do beco uma sombra pequena se destacou.

Uma velha com um chapelão de palha saiu do buraco e com um sorriso largo com mais dentes que um tubarão.

— Onibaba. Ayrasuki, o que faz por aqui? Quer sopa? — perguntou a velha com uma voz rouca que retiniu pelas paredes como um toque de um sino.

— Não quero sopa! Quero algo mais nutritivo! O que a senhora tem? — disse ele recusando com um meneio da cabeça grande.

— Eu tenho muitas coisas. — respondeu a velha rindo debochada.

O oni fez uma cara de nojo.

— Prefiro carne crua. — respondeu ele lambendo os beiços.

A velha tirou um pedaço de alguma coisa esverdeada de um saco e entregou-lhe, recebendo algumas moedas de cobre em troca.

O oni olhou o alimento, seco e esverdeado, era tudo o que poderia encontrar ali, resignou-se com um suspiro e deixou o beco.

Antes de sair notou que havia uma outra criatura ali nas sombras, escondendo-se dele, podia ver a forma pequena e esquiva se misturando com a escuridão, quase invisível, mas isso não enganou seu olhar.

Bem não ia se meter no assunto dos outros.

Subiu em um telhado próximo e começou a comer, mastigava sem convicção.

A vida não estava fácil ali, apesar dos milhares de seres humanos vivendo naquele lugar não podia matar um só sequer. Sabia que se fizesse isso poderia chamar a atenção e acabava resignando-se à comer carne de cadáver. Não queria chamar a atenção de nada!

Sabia bem o que acontecia quando isso ocorria, tinha um amigo, um duende chamado Kubi, que ficara enlouquecido pela dieta de carne de cadáver e pusera-se à matar humanos, fora eliminado pelos Caçadores de Yokai logo depois.

Eles eram implacáveis!

O oni ainda estava brigando com a carne macilenta e cheia de nervos quando ouviu um barulho medonho e um grito horrendo vindo do beco.

Pulou do telhado, guardando os restos do jantar dentro das mangas do quimono para terminar depois e correu para o beco.

O corpo da velha kijo estava espalhado pelo chão, sem cabeça.

O oni olhou ao redor, assustado com o fim que tivera a velha, não eram poucos os que podiam enfrentar Kanawara de frente e menos ainda os que poderiam sair vivos de um embate daqueles.

Cheirou o ar, cauteloso, passou o dedo na terra suja em que a velha caíra e lambeu, havia algo de estranho ali, algo mais do que o simples sobrenatural de criaturas como ele ou a velha.

Não tinha gosto de Bakeneko, nem de Jurogumo, nem Ikiryō, era outra coisa, uma coisa diferente que ele não conhecia ou nunca tinha encontrado.

Ouviu um barulho na entrada do beco e se escondeu.

Três silhuetas surgiram, vestidos com roupas de palha e com máscaras vermelhas esquisitas com narizes compridos, pareciam tengus, mas não eram.

Traziam espadas que brilhavam com símbolos de conjuros na escuridão.

O oni se afastou e se misturou com as sombras, o medo subindo por sua espinha.

Eram Hantas! Caçadores de Yokai!

Eram apenas três ali, mas ele sabia que havia mais deles por perto.

Eles conversavam estranho, o maior deles revirou o cadáver da velha procurando alguma coisa, não encontrou, mas voltou-se para os outros e falou palavras esquisitas.

Eles estavam claramente espantados com o corpo, esperavam encontrar a velha viva.

Senão haviam sido eles que mataram a velha então quem fizera o serviço?

Lembrou-se da sombra que vira antes. Só podia ter sido ela.

Esperou os caçadores irem embora e saiu da escuridão.

Lembrou-se da pequena sombra que notara antes de deixar o beco, será que fora ela que matara a velha?

Era uma coisinha tão tímida e inofensiva... ou assim lhe parecera.

Não quis dar azo à sorte, fugiu dali rapidamente sem olhar para trás.

Resolveu visitar Hotarubi, talvez ele soubesse de alguma coisa.

Rodeou alguns casebres e chegou até uma ponte de pedra sobre um rio pestilento.

Debruçou-se e olhou embaixo da ponte, parecia vazio, talvez o outro tivesse ido dar uma volta.

Quando se voltou para o outro lado da ponte deu de cara com o corpo sem cabeça do oni e levou um susto tão grande que caiu nas águas fedorentas do riacho.

Levantou-se de um pulo e olhou o morto, estava morto há algum tempo já, não havia outra marcas só a cabeça faltando.

Piscou estarrecido! Fosse quem fosse que matara Hotarubi devia ser bem forte, pois o outro era um oni tricorno, afamado pela sua força e seus poderes mágicos.

Escutou um barulho e escondeu-se debaixo da ponte, mesclando-se com as sombras.

Novamente surgiram aquelas três silhuetas, vestidos com roupas de palha e com máscaras vermelhas esquisitas com narizes compridos.

Eram os caçadores de Yokai de novo!

Olharam assustados para o corpo de Hotarubi, tão surpresos como ele ficara.

Mas se não foram eles que o mataram quem havia sido?

Hotarubi, apesar de afamado não tinha rixas nem inimizades com outros seres sobrenaturais que pudessem ser páreo para ele, e se a Irmandade o estava procurando quer dizer que algo estranho estava acontecendo.

Esperou que fossem embora e saiu de seu esconderijo.

Quando já ia embora pisou em um pequeno pedaço de papel que queimou seu pé.

Com cuidado levantou o pedaço de papel, era um pedaço de um talismã Onmyodo!

Aquilo sim era preocupante!

Significava que quem fizera aquilo sabia exatamente o que estava fazendo, e pior, devia ser um mestre caçador para utilizar aquele tipo específico de talismã!

O oni sentiu uma gota de suor frio cruzar sua testa.

Foi então que deu um passo para o lado e sentiu um frio horrendo cair no chão exatamente no lugar onde havia estado.

Olhou e viu um pequeno pedaço de papel com um símbolo nele.

O horror cavalgou em suas costas como um corcel de loucura desvairada e seus olhos se arregalaram assustados!

Quem matara Hotarubi estava ali agora!

Olhou ao redor tentando ver seu ofensor, mas não conseguiu ver nada, o vento estava parado e as águas pestilentas não se moviam, as pedras ao redor estavam quietas, não havia corvos ali, nem Yureei ou Bakemonos.

Respirou profundamente tentando sentir algum odor estranho, não havia aroma de flores nem mesmo perfumes, não havia Yousei ali nas proximidades também!

Mas havia um odor peculiar ali, algo que ele conhecia, porém não conseguia se lembrar de onde, algo tão banal que passava despercebido à ele.

Sacou da espada curta que usava e apertou o talismã que a Fudakaeshi havia lhe dado, na forma de uma pequena lanterna de papel vermelho, isso o deixou mais calmo.

Súbito uma forma blasfema surgiu à sua frente, tinha aparência de um homem idoso, porém usava uma máscara de yaksha negra com dois cornos imensos gravada com letras fudôs em dourado.

O oni tremeu e numa voz quase sumida exclamou, com o medo exsudando em sua pele:

— Grande Mestre Tsuno Daishi!

Foram as últimas palavras que pronunciou.

A figura à sua frente sacou da katana e com um movimento fluido decepou de um único golpe a cabeça do oni, que rolou pelas pedras e parou à beira das águas pútridas.

O Mestre Caçador de Yokai guardou a cabeça em um saco de pele de bakemono e sumiu no ar, como se nunca tivesse estado ali.

Onibaba. Ayrasuki jamais descobriu porque tinha que morrer!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João — PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



O Molusco Abominável

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Os foguetes terrestres desceram em Nova Terra! O planeta era uma hiperterra, pouco maior em diâmetro que o antigo planeta Júpiter do sistema solar, com duas luas ambas com a metade do diâmetro do antigo planeta Marte. Cento e quarenta e três mil e oitocentos quilômetros de diâmetro, dos quais dois terços de águas oceânicas profundas e um terço de terras habitáveis. Florestas, em sua maioria, luxuriantes florestas de cicáceas e gimnospermas cobriam a maior parte da superfície terrestre do planeta. No hemisfério norte um estranho fenômeno criou um lago com mil quilômetros quadrados com águas de hidrocarbonetos que vinham de uma fonte subterrânea, foi chamado de Lago Atlântico. Todo o lago ficava no meio de um gigantesco vale com a forma de uma tigela profunda de bordas altas e montanhosas, a cratera resultante da queda de um grande meteorito milhões de anos atrás.

Na costa leste do lago os terrestres estabeleceram uma base de pesquisa e depois uma pequena cidade se formou ao redor. A base era chamada Base IX e a cidade tomou dela seu nome e ficou sendo chamada a Cidade IX, os habitantes chamavam-na apenas de IX!

O comandante da base era o capitão Lucio Rylard, um homem decidido e perspicaz que não deixava nada na vida ao acaso. Lucio havia deixado a Terra com a primeira leva de colonos em direção às estrelas.

Desde criança sempre almejava a aventura de explorar os céus e quando chegou a notícia da descoberta do Aglomerado da Nuvem, fora da Via-Láctea, ele foi um dos primeiros a se alistar como voluntário. Não tinha laços que o prendesse à Terra, todos que amava já haviam partido, era um homem só! Mas o desejo pelas estrelas queimava em seu peito. Assim embarcou no primeiro foguete e abandonou a Via Láctea e entrou na Nuvem. Desembarcou em Nova Terra e participou da construção da capital, logo a cidade cresceu demais e ficou tumultuada com as levadas infindáveis de colonos que chegavam, ele procurou o Intendente Buck e pediu para ser enviado para um lugar mais bravio, assim foi enviado para IX.

Quando chegou o lugar ainda era apenas uma paliçada com alguns prédios de pesquisa, caixas de cimento como os residentes os chamavam. Fazia apenas quatro meses que a base havia sido construída.

Em seis meses modernizou todo o lugar, construiu casas e ruas e os colonos começaram a chegar, assim nasceu uma pequena cidade ao redor da base.

Lucio amava a vida ali, tranquila e pacata, como uma pequena cidade do interior na antiga Terra. Passava as manhãs nas praias brancas de pedras lisas nas margens do lago de hidrocarbonetos, colhendo espécimes, à tarde caminhava pelas trilhas de cicáceas ao redor do lago procurando novas espécies de fauna e flora nativas e catalogando-as. Quem sabe um dia publicasse seus achados.

Suas noites eram preenchidas nos laboratórios da base. Tudo isso, porém estava para mudar!

*

No início da manhã um pequeno barco cruzou as águas cristalinas de hidrocarbonetos formando pequenas ondas como se fosse uma superfície de prata líquida. Os raios da estrela Nova Sol refletiam-se na água como um espelho.

Os dois tripulantes do barco usavam óculos escuros para proteger os olhos dos reflexos da luz forte.

O barco avançou devagar até a região ao norte do lago. As águas estavam tranquilas.

Sorte, o mais velho dos dois, pegou o equipamento de sondagem.

— Foi por aqui que o Colin disse que captou o movimento subaquático? — perguntou ele.

— Foi sim, verifiquei a latitude e a longitude dos registros. — falou Alvarez — Ele registrou um movimento à cinquenta e oito metros de profundidade com o radar da sonda, vi os arquivos dos registros pessoalmente.

— Um movimento subaquático em um lago de hidrocarbonetos? Isso é impossível! — falou Sorte rindo.

— Não há registros de algo assim. — confirmou Alvarez — Mas não é uma justificativa para negar o que ele registrou, bem pode ser um vulcão submerso ou uma corrente mais funda.

— Talvez. — concordou Sorte — Mas que é uma coisa estranha isso é!

— Tudo é diferente neste lugar! — disse Alvarez abrindo os braços — Veja o tamanho deste planeta. As plantas e animais estranhos que já encontramos somente aqui, sem falar nos outros planetas habitáveis que existem ao redor desses outros sistemas, as anomalias todas! Não estamos mais na Terra. Aqui tudo pode acontecer Sorte!

O outro balançou a cabeça e começou a descer a sonda.

— Ligue o radar. — pediu ele.

Alvarez ligou e sentou-se em frente à tela.

— Dez metros e descendo! — disse Alvarez e depois continuou contando até atingirem os sessenta metros.

Não havia nada no radar.

— Vou ligar a câmera! — disse Sorte.

Uma imagem opaca surgiu na tela. A luz da câmera iluminou as águas transparentes de hidrocarbonetos.

Não havia nada ali! Registram as águas vazias por alguns minutos.

— Não tem nada aí. — disse Sorte — Pode desligar a câmera.

— Temos que descer mais. — insistiu Alvarez.

Ele ligou a sonda e desceu mais dez metros subitamente a imagem uma sombra desfocou a imagem e ela sumiu. O cabo da sonda ficou teso e viram com horror que alguma coisa estava puxando o cabo com força para baixo. O barco balançou com o solavanco.

— O que foi isso? — perguntou Sorte, quase caindo, mas se agarrando na amurada.

— Não sei, acho que o cabo deve ter prendido em alguma coisa lá embaixo. — disse Alvarez.

Outro solavanco mais forte e o barco adernou para a esquerda.

— Tem alguma coisa lá puxando o cabo. — disse Sorte com a voz aterrorizada — Está puxando o cabo!

— Não tem como ter nada lá embaixo, não tem vida lá embaixo Sorte! — falou Alvarez tentando tranquilizar o amigo, mas também aterrorizado.

— Não foi você que disse que tudo era diferente por aqui? — falou Sorte com um sorriso sardônico.

O barco adernou perigosamente e a água de metano começou a entrar.

— Solte o cabo da sonda. — gritou Sorte.

— Estou tentando. — disse Alvarez desesperado tentando desrosquear a ponta do cabo de metal da sonda do aparelho preso ao fundo do barco.

Com um grande solavanco o cabo ricocheteou perigosamente pelo ar, solto, e sumiu-se nas águas cristalinas. O barco voltou ao normal, mas estava cheio de água. Sorte começou a retirar a água.

— Me ajude homem, temos que desafogar os instrumentos e sair daqui o mais rápido possível.

Alvarez começou a retirar a água de metano do fundo do barco.

Subitamente uma onda mais forte fez o barco tremer e ouviu um baque na água. Percebeu que tudo tinha ficado silencioso demais. Olhou ao redor e percebeu que estava sozinho. Sorte havia sumido!

Correu para a borda onde o amigo havia estado e olhou para a água, mas não conseguiu ver nada, os reflexos da luz eram intensos e faziam sua vista doer. As águas estavam ondulando, mas não havia sinal dele ao redor do barco. O brilho do sol nas águas de hidrocarbonetos feriu seus olhos, pois havia perdido os óculos escuros, e piscou. Foi a última coisa que viu.

Algo o envolveu por trás, algo macio e mole, mesmo assim forte, morno e gosmento.

O envolveu e o carregou para o fundo do lago e ele não emitiu nem um som!

*

Quando o barco não voltou ao meio-dia nem respondeu aos chamados da base como deveria, o Comandante Lucio foi informado.

— Qual foi a última localização deles?

— Foi exatamente sobre o avistamento de ontem. — disse o sargento Ramsey sem sorrir.

— A movimentação subaquática? — perguntou Lucio preocupado — O acontecimento foi no mesmo lugar? Mesmas coordenadas?

— Sim senhor! Confirmamos antes de informa-lo.

— Prepare três barcos e um pelotão de busca e resgate. Deve haver uma conexão entre os dois fatos. Já tivemos acidentes assim antes, logo nos primeiros dias, quando ainda pensávamos que este lugar era igual à Terra. Ele não é sargento! Existem coisas perigosas soltas por aí, ainda nem exploramos dez por cento das terras deste lugar e o oceano continua sendo uma incógnita. Precisamos ter cuidado!

— Será que foi uma explosão vulcânica? Aquela área é muito instável.

— Não teremos certeza até que os encontremos. — disse Lucio extremamente preocupado.

Houveram casos assim no começo realmente! Ele se lembrava bem deles.

Acompanhou um e teve notícia de outros dez pelo menos. Ocorreram na maioria das vezes porque os seres humanos eram descuidados e ainda pensavam que esta era apenas uma terra maior. Mas não era!

Lembrava-se bem...daqueles primeiros dias no novo mundo!

*

Os barcos de resgate circundaram a área e encontraram o barco de sondagem emborcado. Desviraram-no e procuraram alguma pista do que poderia ter acontecido.

Sondaram as águas à procura de corpos, não encontraram. Rebocaram o barco para a margem da base.

Já de volta ao seu escritório o comandante olhou para o sargento.

— Chame a perícia, preciso saber o que aconteceu aqui. — comandou Lucio com apreensão na voz.

Quando o sargento saiu Lucio recostou-se na cadeira e olhou pela janela. As árvores eram tão parecidas com aquelas na velha Terra, ainda se lembrava bem.

Aquela viagem pelo espaço fora terrível, jamais esqueceria o sono sem sonhos do congelamento, necessário para ultrapassar as barreiras de tempo até chegar ali.

Mas amara aquele mundo deste o princípio, uma terra desconhecida, anelando para ser explorada e ter seus mistérios descobertos.

Quanto ainda não existiria lá fora? Quantas criaturas diferentes, quantas plantas, ecossistemas inteiros para se estudar.

Levantou-se e saiu. Caminhou devagar, pensativo, em direção às praias brancas de pedras lisas nas margens do lago de hidrocarbonetos.

Já era quase final de tarde e as duas luas se erguiam no horizonte como uma visão fantasmagórica em um mundo alienígena.

As copas das árvores balançaram revolvidas por um vento forte e Lucio sentiu um cheiro ácido estranho misturado ao odor pungente do lago de hidrocarbonetos.

Pareceu que um peixe pulava pelo meio do lago, mas ele sabia que não havia vida ali, não naquele lago.

As medições mostraram que existia vinil cianido misturado aos hidrocarbonetos, o que potencialmente indicava a existência de membranas celulares para a vida microbial, porém não haviam encontrado nenhum ser vivo naquelas águas.

Mas ele sabia que existia alguma coisa ali dentro daquelas águas, algo havia levado Sorte e Alvarez, não fora um mero acidente causado por vulcanismo ou fosse lá o que dissessem.

Subitamente o odor ácido retornou mais forte, desta vez vindo das árvores detrás de si.

Algo o envolveu por trás de uma só vez, algo macio e mole como se fosse gelatina, mesmo assim forte, morno e gosmento, de uma maneira que não conseguiu se soltar.

Lutou por alguns instante e afinal conseguiu voltar-se, afrouxando aquele abraço terrível e seus olhos se arregalaram, sua sanidade foi consumida, por um ínfimo instante, antes que aquilo abrisse uma boca desdentada e o engolissem.

Naquele ínfimo instante ele viu o horror alienígena do molusco abominável!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

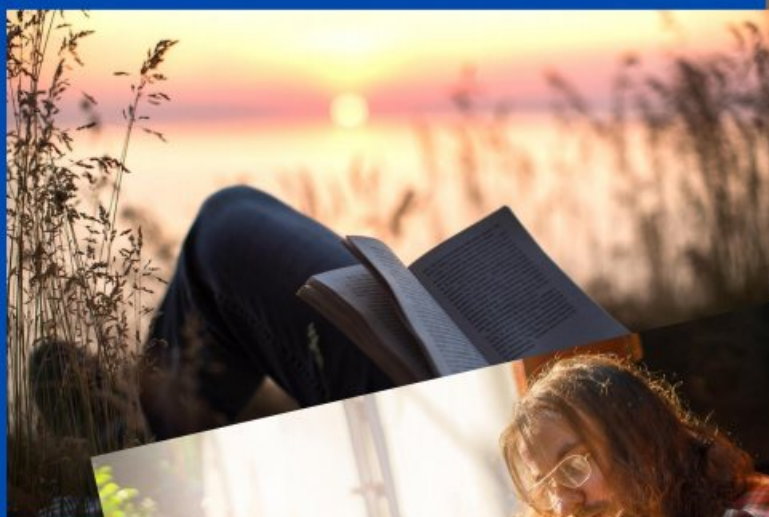
Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se




Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
Mônica Prado

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CONTO
POR NEY ALENCAR

Os Olhos da Bruxa

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“Os olhos que não mentem,
São os mesmos que matam!”

— 13º Acróstico da Caçada

O rosto da mulher vincou-se com um esgar de fúria por baixo da máscara de laca pintada de vermelho estilizada com o símbolo desconhecido. Seus oito olhos piscaram e ela respirou fundo tentando manter a calma.

Atrás dela, no lusco-fusco arroxeadado que teimava em esconder-se pelas bordas da atmosfera alaranjada, a silhueta sombria de uma nave-foguete negra, na forma esdrúxula de uma criatura nunca antes vista por nenhum homem vivo, uma Defectriz, uma mistura blasfema de aranha e morcego, com uma dúzia de patas compridas e uma cabeça proeminente onde abriam-se oito olhos, como a mulher.

O lugar, um mundo perdido entre as fímbrias de um pulsar e uma estrela de nêutrons, em um lugar do espaço onde não havia outras estrelas senão aquela alaranjada que agora despontava pelo horizonte alienígena, chamado Tortura.

Distante quase um quilômetro de onde ela estava parada uma grande construção erguia-se sombria e ativa.

Era como um vetusto castelo medieval, os ângulos porém estavam todos errados e a engenharia utilizada para ergue-lo perdia-se pelas eras de um tempo desconhecido, alheio aos homens e suas guerras mesquinhas.

Uma luz bruxuleava na janela triangular de uma torre escarpada encimada por uma cúpula de cristal e gemas preciosas.

A mulher começou a caminhar pelo campo aberto entre a nave e a construção.

Cada passo era medido, não era curto nem comprido, mas apenas largo o suficiente para que ela não se esforçasse demais.

Usava botas de couro negro que lhe chegavam até as coxas brancas, desnudas, um saiote de placas de metal tinha, sobre os ombros uma grande capa negra balançava.

As mãos eram belas! Unhas impecáveis e compridas pintadas em azul escuro e carmim com letras desenhadas.

O torso nu emoldurava dois seios médios e firmes, as auréolas cor de rosa e o bico eriçado, que balançavam acompanhando o passo em um compasso lúbrico.

Em minutos ela cruzou o campo e parou diante da porta de metal da construção.

Por um instante apenas pareceu que seus lábios haviam se movido e um som, quase um mero sussurro, foi exalado como parte de uma respiração.

A porta abriu-se sem um som, como se respondesse àquele comando sussurrado, deslizando para o lado e ela entrou.

O átrio estava iluminado por muitas velas, mas vazio de vida.

A mulher gingou pelas lajotas negras, o salto das botas estalando devagar, até o sopé de uma escadaria, desceu como se medisse os passos apenas o suficiente para um degrau por vez.

Passou por três portas fechadas, cada uma com um símbolo desconhecido entalhado no metal fosco.

Parou em frente à uma quarta, com o mesmo símbolo que estava entalhado em sua máscara de laca.

Abriu a porta e entrou, quase com um gesto de súplica.

As velas do interior iluminaram-se subitamente, preenchendo o local com uma luz clara.

Era um aposento grande, duas das paredes ocupadas por estantes cheias de livros e berloques de todas as espécies e tamanhos.

Em um dos cantos um catre frugal.

No outro uma mesa grande de metal cheia de vidros e vasos de cristal, com líquidos das mais diversas cores, ao canto uma parafernália alquímica repousava.

A mulher retirou a capa e as botas, ficando descalça, retesou os dedos dos pés.

Desafivelou um cinturão cor de pele do abdômen e o colocou sobre a mesa.

Massageou os pés cansados e deitou-se por um momento na cama.

Seus olhos não se fecharam, mantiveram-se atentos às figuras desenhadas pelo teto alto, cenas estranhas de lugares que não eram naquele mundo, desenhos de plantas e animais tão alienígenas àquele lugar quanto o próprio lugar era àquelas figuras.

Sentou-se, tirou uma folha de papel do bolso interno da capa e desdobrou-a devagar.

Era o desenho do rosto de um homem, nem velho nem moço, os olhos vivos e um sorriso divertido matizavam o desenho.

Ela não podia deixar de pensar nele!

Afinal ele fora sua única falha!

O único dos contratos que não pudera cumprir.

Uma mancha em seu currículo impecável!

Mesmo assim não estava arrependida de sua decisão!

Era um Defectrix, uma Bruxa-Caçadora, a mais habilidosa de todo o seu secto, com exceção apenas de sua Madre Superiora!

Era a mais habilidosa e criativa na arte da sedução e do envenenamento e seus contratos vinham de todo o Stax e do Além Espaço.

Aquele, porém ela não pode cumprir.

Olhou novamente o rosto do homem, não era quem ele era, mas sim o que ele representava que a havia feito mudar de idéia.

Ele era o líder terrano, responsável pela revolução que pretendia libertar o Stax do domínio terrestre.

Uma guerra cruel que já durava três longos anos e havia ceifado a vida de um sem número de habitantes do Stax, cidades haviam sido destruídas e mundos pereceram naquela guerra sem fim.

Os cruéis homens da Velha Terra a haviam contratado para acabar com a vida dele e assim por fim àquela guerra, mas ela não pudera.

Afinal aquela também era sua guerra!

E a Velha Terra não era o que ela imaginava!

Vira muitos mundos serem devastados, povos serem apagados e um deles fora o seu, estava cansada de tudo aquilo.

Quando chegara em frente à ele e o olhara nos olhos, afinal compreendera tudo o que ele representava!

Sua escolha era tão óbvia que não existia outra!

Escolhera falhar em sua missão, deixando-o viver!

Uma dor aguda penetrou seu abdômen e ela sentiu o goto ácido do veneno tomando conta de sua corrente sanguínea, já não havia muito tempo para ela.

Não havia lugar para falhas no Código da Irmandade, apenas a morte podia suprir aquele lapso.

Deitou-se no catre e com um sussurro lacrou a porta externa, nada nem ninguém poderia entrar em sua cela agora, era assim que deveria ser, fora assim com as outras, ela não seria uma exceção.

O frio do esquecimento desceu como água gelada sobre seu corpo e fechou os olhos!

Sorriu, no entanto, por saber eu sua falha era a vitória para suas irmãs!

E morreu!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



CONTO
POR IDICAMPOS



Pichação

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Os caras entram correndo no conto, fugindo da polícia, tropeçam no parágrafo, esborrachando, as caras, na folha A4:

— Era para pichar rápido! Ofegante, reclama o fugitivo.

— Mergulhei nos versos da poesia do Geraldo... Justifica a morosidade, o cúmplice.

— Este foi o último pedido do escritor: desejava ser lembrado pelas suas poesias riscadas nos espaços públicos da cidade...

Os policiais obedecem à lei, coibindo a subversão da ordem, no calçadão de Nova Iguaçu. Afinal era literatura marginal. Seria uma questão de honra reter os pichadores.

A repressão dobra a esquina, dá meia volta, o flagrante é inevitável... Do nada, a porta de aço da loja da nossa frente abre... Acionada por Geraldo cuja astúcia nos livraria dos guardas...

Esperamos um pouco, saímos em retirada, virei os olhos, olhei atrás, nem sombra de Geraldo... Interroguei o parceiro e descobri que hoje era a missa de sétimo dia dele.

Aquele era o nosso amigo oculto...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

CONTO
POR IRACI J. MARIN



O Amigo

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Alfredo ouviu batidas leves na porta. Depois a campainha soou e ele levantou do sofá contrariado. Sua vontade era ficar deitado, vagando os pensamentos por outros mundos. Caminhou lentamente para abrir a porta. Pôs a mão na maçaneta e sentiu que a mão da visita segurava-a, no outro lado. Era uma incógnita quem vinha visitá-lo àquela hora de sábado. Não se lembrava de ter marcado encontro. Seria o carteiro? Mas ouviu tosse suave, era uma mulher. Seria aquela vizinha fofoqueira, uma vendedora de qualquer coisa, ou seria uma pedinte? Abriu a porta.

A mulher entrou, deixando um rastro de perfume gostoso no ar, e esperou por ele que ficou olhando para ela, surpreso.

— Foi Anacleto que me indicou o seu endereço.

Ela foi até a porta e a fechou. Pegou a mão dele e, sorrindo um breve sorriso de boneca de porcelana, levou-o para o quarto.

Ele ficou sonolento. Ela deixou-o na cama e saiu. Alfredo ouviu barulhos que vinham da cozinha. Foi ver. Ela fazia café.

Não se conheciam. A mulher procurou Alfredo por indicação do amigo comum, que sabia de sua carência.

— Eu sei de uma moça que vai te agradar. É bonita, charmosa, tem um sorriso bonito, cabelos avermelhados e é bem feita de corpo.

— Sabia que podia contar contigo.

— Um dia ela vai aparecer lá na tua casa.

— Está bem.

Eles se encontraram inúmeras vezes. Conversavam, ficavam juntos durante um tempo e depois cada um fazia a sua vida.

Estavam numa balada quando lhe propôs namoro. Ela se esquivou, mudou de assunto. Alfredo insistiu.

— Não estava preparada para receber um pedido assim.

— É fácil dizer sim...

— É fácil dizer não...

— Você não quer? Preciso saber.

— Vou pensar, me dá um tempo.

Os encontros continuaram, às vezes mais calorosos, às vezes menos. Alfredo sentia um chão firme para projetar seu futuro. Suas carências diminuía e ele vivia quase embevecido na própria satisfação.

Em outra noite de festa, ela colou seu corpo no dele, puxou a cabeça e lhe sussurrou ao ouvido:

— Estou grávida!

O primeiro impulso foi gritar: “Não pode ser!”. Mas se conteve, respirou uma, duas vezes.

— Tem certeza?

Ela fez sinal afirmativo com a cabeça. Puxou a mulher e foram sentar numa área aberta.

— Então você está grávida?

— Sim. Descobri nesta semana.

Ele arriscou, sem olhar para ela:

— Bem, isto mostra que precisamos viver juntos.

— Não necessariamente. Você pode me ajudar nas minhas dificuldades, pagar um plano de saúde pra mim, médico e hospital, eu faço todos os exames, me cuido. Nosso filho vai nascer com saúde.

Ele não ficou satisfeito com a decisão da moça, que não aceitava sair da casa da mãe, que ele não conhecia. Mas ficou entusiasmado com a ideia da paternidade. Teria preocupações de outra ordem, depois de viver sozinho grande parte da vida e de só preocupar-se consigo mesmo. Chegara o momento de compartilhar o espaço e a existência. Ia ter um lugar ao lado de tantos que eram pais, ia se igualar a eles. Passou a observar os pais com seus filhos, nas ruas, nos parques, nas lojas. Parou em frente a uma escola para ver os pais encontrarem seus filhos na saída, imaginando-se ali, um dia. Pensou estar com a criança em sua casa, na brincadeira, no ensino das primeiras letras e dos primeiros números, nos jogos diversos que ele ia aprender para depois compartilhar com o filho ou filha – “Tanto faz”, pensou. Estava entrando em outro tipo de vida, estava se conscientizando da nova vida em uma nova realidade.

O amigo ligou para ele, no trabalho:

— Ela está no hospital com ameaça de aborto.

Sem dar satisfação a ninguém, Alfredo correu para o hospital. Depois de esperar um tempo sem fim, conseguiu ver a moça, que o recebeu com o seu sorriso de boneca de porcelana. Estava com os cabelos amarelados e pálida. Mas afirmou que se sentia melhor. Tropeçara em alguma coisa e caíra de mau jeito. Sentiu fortes dores e decidiu internar-se para exames. O bebê não corria perigo.

Aliviado, voltou à rotina.

Avisado pelo amigo novamente, correu para o hospital e ficou no babódromo. Logo foi chamado pela enfermeira: ele podia ver o filho de perto. Correu com o coração aos pulos.

No quarto, conheceu a mãe da moça. O amigo, sempre atencioso, saudou-o com alegria.

Alfredo a visitava quase todos os dias, levava flores, chocolate, embalava a criança no colo, conversava meias palavras com a avó. Sentia-se realizado. Muitas vezes pensara na responsabilidade de cuidar de um filho, protegê-lo, perder sono e sossego. Mas o fato de ser pai fazia esquecer todos os aborrecimentos da paternidade. Ocupava o tempo com algo bom, preocupava-se com alguma coisa que fazia sentido.

O amigo convidou-o para um bate-papo. Depois de muita conversa sobre coisas triviais, falaram da criança. Alfredo usou verso de um poema de Cecília Meireles para expressar seu estado de espírito:

— Me sinto feliz porque meu filho existe e minha vida está completa.

O amigo sorriu amavelmente, mas sua atenção estava num pensamento oculto, que Alfredo não percebeu.

— Agora não preciso sonhar com outros mundos.

Olhava o movimento, sorvia com prazer o chopp, ouvia a confusão de barulhos, sentia-se enlevado com aquele momento bom de sua vida.

— Eu tenho uma notícia pra te dar.

Alfredo ficou surpreso com a fala direta e seca do amigo. Olhou para ele.

— Uma notícia?

— Fizemos o DNA.

Anacleto tirou um documento do bolso interno do paletó e lhe entregou. Alfredo eu e releu a informação. Começou a suar e a tremer.

— Não posso acreditar no que li!

Anacleto apenas sorriu, enquanto lhe tirava das mãos o teste de paternidade.

Alfredo sentiu uma ponta de irritação e vontade de soquear o amigo, mas se conteve. Levantou-se rápido e foi para casa. Não era pai. Não brincaria com a criança em casa, no parque, não sairia pelas ruas levando a criança no colo, ou de mãos dadas. Não esperaria sua saída no portão da escola. Não ia partilhar seu espaço e sua existência.

No sofá, os pensamentos voltaram a vagar por outros mundos.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com

CONTO
POR MÓNICA PALACIOS



Amizade diferente

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Amizade diferente, de aquelas que só o coração explica.
Bom, posso até documentar essa amizade peculiar com diálogos ouvidos em diferentes horas do dia. Fato que me leva a conhecer algo delas, que são abertas, dinâmicas e incansáveis.

Compartilho o que escutei:

— *Sabia que voei a noite toda e só consegui ver dois duendes?*

Eles também se cansam, vivem cuidando da floresta, das frutas, dos pássaros. A maioria dorme a noite toda salvo que, um galho despenque na sua cabana e precisem arrumar outro monte de folhas para suas camas.

— De pequena escutava várias histórias diferentes deles e agora, já adulta, quero os conhecer melhor. Além de essas orelhas pontiagudas, do olhar inquieto, da boca vermelha e sua pouca estatura... que será que os deixa felizes? Esse é o desejo de todo ser vivo, não é?

Sendo pequenos seres tão solidários, imagino que uma boa música, uma comida diferente, um sorriso e até um beijo a distância.

— Sabia que tuas explicações vão entrando na minha cabeça e parece que o coração as aprova também? Por isso, quando não estiver perto de mim, escreverei as dúvidas para nosso encontro. Você é doce, linda e sabia.

— Obrigada querida amiga.

Muito queria estar sempre por perto, mas, minha missão é ajudar a quem precisa. Seja alto ou baixinho, com orelhas ou sem elas. A todos eu desejo escutar, auxiliar e deixar um sorriso em cada rosto antes de partir a outra floresta.

— De pequena escutava histórias que além dos duendes também apareciam pessoas como você. Esqueci o nome, mas... assim que eu lembrar te aviso ou chamo... Me lembro que mamãe dizia que tinha uma luz diferente, um aro iluminado acima da cabeça e que todos nos temos um deles que nos acompanha.

— Não te preocupes. As pessoas correm demais, trabalham demais, se cobram demais e a vida passa. Eu aprendi a valorizar cada minuto e posso te garantir que estou leve, feliz e até uma voz superior me diz que viverei muitos anos. Nosso corpo é como as máquinas que compram os humanos, se gastam, quebram e param de funcionar.

— Eu senti essa grandeza de teu coração e ser tua amiga me deixa muito feliz.

— Até... voltando o arco-íris, tentarei descer na cor amarela. Ela me energiza e guia.

— Eu ficarei olhando o céu e assim que aparecer o primeiro vestígio do arco-íris estarei lá, junto ao pote de ouro para te esperar.

Mônica Palácios é Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol. É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú e Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.

CONTO
POR B. B. JENITTEZ



Nazistas em Granada

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Como o leitor deve bem saber, se leu alguma das minhas tetralogias, o Berço é uma nave espacial-temporal-transdimensional que se parece com... um berço vitoriano. Foi usado inicialmente pelo querido Major para acompanhar a vida do Profeta Maomé, e depois sua localização me foi revelada quando o mesmo estava às portas da morte.

Como relatado em algum dos meus livros, eu finalmente consegui acesso ao Berço usando um *loop* temporal dentro de um templo hindu em uma das sete cidades perdidas de Agartha encravada em um túnel na cordilheira andina. Essa cidade era, ou ainda é, uma base nazista. Desde então, esses nazistas estão no meu encalço para recuperar o Berço (que eles chamam de Sino Nazista), visando viajar no tempo, entregar armas atômicas para Hitler e dominar o mundo.

Esses nazistas remanescentes são bastante poderosos. Eles são os donos dos famosos discos voadores, construídos no final da II Guerra Mundial, e não qualquer ET longe de casa. Segundo informações fidedignas, possuem uma base no lado oculto da Lua e outra no portal para a Terra Oca, na Antártida. Mas o que eu não poderia imaginar é que eles tinham um plano muito mais ambicioso de confrontação e dominação: construir uma enorme base no planeta Marte e a partir dali atacar a Terra.

Quem me revelou esse plano foi Jacob, um espião judeu infiltrado no movimento nazista. Vou contar com mais detalhes, inclusive turísticos, como foi que isso aconteceu. Eu estava coletando dados em Granada, Espanha, para finalizar um de meus últimos livros, *Segredos Esotéricos de Alhambra*. Para quem conhece a cidade, eu estava hospedado no *Hotel Museo Palacio de Mariana Pineda*, perto da Ponte Cabrera sobre o rio Darro. Em frente à ponte existe o bar cafeteria *La Fontana*, um lugarzinho com ótima comida espanhola. A região fica a uns quinhentos metros das muralhas de Alhambra. Jacob havia combinado por e-mail se encontrar comigo ali, e chegou na hora.

— Olá, Jacob, como foi de viagem?

— Até agora bem, mas desconfio que estou sendo seguido.

— Então me conte tudo o que sabe.

Pedi dois cafés e uma *tortilla* para Jacob, que parecia faminto.

— A coisa toda já está bem adiantada. Eles já têm uma base em uma caverna perto do polo norte marciano. Estão construindo seus discos voadores e suas naves-mães tipo charutões.

— Mas por que não fazem isso aqui na Terra ou na Lua?

— Acreditam que a guerra pode ser longa e esses lugares são vulneráveis aos mísseis aliados. Por outro lado, as naves terrestres ainda são lentas para chegar em Marte.

— OK, OK — meditei bebericando meu café.

Jacob me estendeu um *pendrive* enquanto se concentrava em sua *tortilla*.

— Todas as informações estão aqui: localização da base, armamentos, naves etc.

— Como você conseguiu tudo isso?

— Não me pergunte — finalizou Jacob — Eu me arrisquei muito.

oooOOOooo

Na manhã seguinte, o corpo de Jacob foi encontrado no rio Darro, debaixo da ponte Espinosa, a cem metros do meu hotel. Ao saber disso, imediatamente fiz o *check-out* no hotel e segui para a Alhambra. Estava nervoso e caminhava rápido, pois o

assassino de Jacob poderia estar me seguindo. E, com efeito, quando estava na altura do *El Bañuelo*, um brutamontes com uma faca e uma tatuagem de suástica no punho me empurrou para uma daquelas ruazinhas tão estreitas:

— O *pendrive* — sussurrou ameaçadoramente.

Normalmente não mato meus inimigos, mas naquele momento era eu ou ele. Não vou descrever a arma que possuo desde minha viagem para Terra-137, mas basicamente do assassino sobrou apenas uma espécie de geleia viscosa no chão.

Cheguei ao lado dos Jardins de Generalife, perto da Alhambra, em um pequeno espaço que parecia vazio. Entrei no Berço, que estava em modo invisível, e decolei rumo à minha mansão em Jardinópolis-SP. Durante a viagem, entrei em contato com meus filhos Mariana, Juliana, Leonardo e Raphael. Perguntei se eles poderiam me encontrar na mansão, junto com meus genros Cauê e João Pedro. Todos concordaram. Combinamos um encontro à noite, no qual jantaríamos o único prato que sei fazer bem, o *Dahl* indiano.

Depois do jantar, introduzi o *pendrive* no computador quântico da sala, de modo a apresentar todos os dados em hologramas 4-D. Examinamos os planos nazistas, o mapa da base e trocamos ideias sobre o que fazer:

— Pai, por que você não entrega tudo isso para a ONU? — perguntou Leonardo.

— E o que a ONU seria capaz de fazer? Respondi. Eles até poderiam tentar defender a Terra, mas são incapazes de atacar Marte. Os terrestres não possuem um Berço e, cá entre nós, é melhor que não tenham mesmo, evitando assim guerras temporais.

— E para quando é a invasão nazista? — questionou João Pedro.

— Para daqui seis meses, segundo estes documentos. Suas naves mãe viajam de Marte à Terra em cerca de três meses.

— E o que você quer de nós? — Perguntaram Mariana e Cauê ao mesmo tempo.

— Bom, vocês sabem que normalmente trabalho sozinho ou, às vezes, com Raphael. Mas desta vez a coisa é muito grande, acho que preciso de uma equipe onde cada um seja responsável por uma dada tarefa.

— E qual é o nível de risco? — Murmurou Raphael.

— Bom, no nível de ser capturado pela Nova Gestapo e torturado até a morte.

— Fichinha — exclamou Juliana.

oooOOOooo

O plano de sabotagem da base marciana consistia basicamente no seguinte. Primeiro, adaptariamos o Berço para uma tripulação maior. Em seguida, viajaríamos para Marte, o que é bastante rápido dada a velocidade do Berço. Finalmente, pousariamos ao lado da base em modo invisível e plantariamos minas temporais para momentos específicos. Para quem não sabe, tais minas viajam no tempo e só aparecem em um dado local instantes antes de explodir.

Durante a viagem, Mariana, fisioterapeuta, cuidaria da saúde da equipe. Cauê, seu esposo especialista em TI, se encarregaria do computador quântico do Berço. Juliana, física e Leonardo, matemático, ficariam responsáveis pela navegação até Marte. Raphael seria o piloto e João Pedro faria a controladoria geral da operação.

Os dados do *pendrive* continham também informações sobre os uniformes nazista, os trajes espaciais e os cartões de identificação. Confeccionamos cópias usando minha

impressora gigante 4D para todos os tripulantes, pois nos dividiríamos em equipes de dois para invadir o complexo. Isso teria que ser feito porque cada alvo das minas temporais precisava ter um marcador de geo-localização, do tamanho de uma moeda, implantado pelas equipes de solo.

Havia dois perigos claramente evidentes: as equipes serem pegas em flagrante e o Berço ser detectado mesmo em modo invisível. Nossos alvos eram o hangar das naves mãe (Leonardo e Raphael), o centro de controle de defesa (Mariana e Cauê) e o reator de energia (Juliana e João Pedro). Eu ficaria supervisionando e acionaria o Berço caso fosse necessário fazer um resgate via *loop* temporal.

As equipes se abraçaram e rumaram para a entrada da base, escondida em uma caverna na região polar marciana. Usaram seus cartões de identidade e abriram uma das portas exteriores. Nenhum alarme foi disparado, de modo que o computador central os reconheceu como habitantes cadastrados no complexo. Deixaram os trajes espaciais em compartimentos mais acessíveis em caso de fuga.

Eu seguia o andamento da operação em seis telas, uma para cada lente de contato transmissora que cada um portava. As equipes se dividiram, rumo aos alvos predeterminados. Aparentemente, tudo corria bem em nosso plano de sabotagem da base nazista.

oooOOOooo

— Abortar, abortar! — gritou Mariana usando telepatia de rádio (TR). — Não podemos explodir essa base!

— O que? Perguntaram todos os outros. Nenhuma equipe havia colocado o geo-localizador ainda.

— Eu me recuso a explodir essa base, pai!

Eu não estava entendendo o que acontecia. Então Mariana virou a cabeça e focalizou melhor a lente transmissora. Ela estava em meio a um parque artificial, com grama e árvores. No meio dessas, centenas de crianças, de bebês a adolescentes, passeando com suas mães que, curiosamente, não estavam usando uniformes nazistas.

— Eu fiz o juramento de Hipócrates, pai! Não vou matar crianças pequenas. — As outras equipes, também usando TR, murmuraram frases de espanto.

— Mas Mariana, você sabia que nossa sabotagem é um ato de guerra!

— Que guerra? Esses nazistas ainda não atacaram a Terra. E atacar essa base onde moram seus familiares, em vez de destruir suas naves em combate, parece um ato terrorista ou mesmo crime de guerra... Seremos piores que os nazistas!

— Voltem todos para cá — concedi. Precisamos fazer uma reunião de avaliação.

As equipes aceleraram o passo e voltaram rapidamente para o Berço.

oooOOOooo

— OK, eu sei que nossa missão é moralmente questionável... é um ataque preventivo.

— Tipo lançar a bomba de Hiroshima antes de Pearl Harbor — refletiu Leonardo, que havia recentemente estudado no Japão.

— Eu pensava que a base era puramente militar — disse João Pedro.

— Mas nas informações do *pendrive* já constavam as áreas civis — observou Raphael — Nós é que não queríamos ver isso.

— OK, mas o que faremos agora? Cancelamos a missão? Jacob morreu em vão? Eu hesitava ainda.

Leonardo olhou para Raphael e disse: — Nosso alvo, o hangar de naves, é puramente militar. Se colocarmos todas as três minas temporais nesse hangar, iríamos fazer um belo estrago.

Mariana pensou um pouco e finalmente concordou: — Bem, não é a melhor solução, mas essas naves vão atacar a Terra de qualquer jeito mesmo. Ou serão destruídas ou matarão muita gente.

Leo e Rapha vestiram novamente seus trajes espaciais e levaram os três geo-localizadores. As outras equipes ficaram no Berço, prontos para decolar quando voltassem. Acompanhamos todo o trajeto até o hangar através de suas lentes transmissoras. Eles conversavam conosco via TR. Sua missão era a mais difícil porque o hangar era uma área de extrema segurança e estava cheio de soldados e pessoal das SS. Notei que um capitão, com seu característico uniforme preto, parecia estar vigiando meus filhos.

Os geo-localizadores tinham, em uma face, um potente ímã de Neodímio, de modo que a instalação era fácil. O importante é que não ficassem visíveis. Leonardo colocou o seu debaixo de um charutão que estranhamente parecia um Zeppelin metálico. Raphael instalou o seu por trás da porta central de decolagem do hangar.

Finalmente, ambos se dirigiram para uma nave de aspecto bastante moderno. Qual não foi sua surpresa ao perceberem os motores de antimatéria localizados na frente, com a configuração correta para criar um *wormhole* temporal. Era um Berço, ou pelo menos um protótipo de um Berço.

Leonardo colocou o último geo-localizador nesse Berço, mas neste momento o capitão das SS gritou, ordenando que fossem detidos. Soldados por perto apontaram suas armas. Leonardo e Raphael levantaram as mãos. O capitão chegou perto deles, e começou a examinar o casco da nave. Aparentemente não encontrou o geo-localizador que Leo havia jogado dentro da mesma.

Então Raphael tentou falar alemão e mostrou as identidades, mas não convenceu. O capitão apontou sua P38 para a cabeça de Raphael e disparou.

Então ficou totalmente ofuscado pelos clarões laranjas e azuis transdimensionais do nosso Berço, que pousou ao lado dos meus filhos. A bala ainda viajava em direção a Raphael, tudo se movia de forma extremamente lenta fora do nosso casulo temporal. Juliana, puxou Raphael para dentro do casulo, e Leo foi agarrado por João Pedro. Nesse meio tempo, a bala havia viajado apenas meio metro.

Com uma explosão de luz ainda mais forte, criamos um portal para atravessar a cúpula da base. Viajamos então para a atmosfera superior de Marte. Nosso computador quântico indicou que discos voadores nazistas haviam decolado e estavam em nosso encalço. Acionei os motores de antimatéria e essas naves ficaram para trás, pois o Berço tem velocidade dez vezes maior que um disco voador.

oooOOOooo

Finalmente chegamos em casa, e qual não foi nossa surpresa ao encontrar a mansão totalmente destruída. Nosso mordomo Alfred nos relatou que, aparentemente, os nazistas haviam finalmente localizado minha base e a atacaram usando um disco-voador.

Fico pensando se aquela estátua em forma de disco voador feita pelo prefeito de Jardinópolis-SP se referia a essa nave ou ao nosso Berço.

Descemos pelos elevadores de segurança até a caverna, que não havia sido muito atingida: o computador quântico ainda funcionava, bem como a maior parte dos arsenais.

Todos concordamos que, agora, a guerra havia sido iniciada pelos nazistas. Escolhemos as três minas temporais e as ativamos: cada uma sumiu em seu pequeno *whormhole*. A contagem se iniciou. Eu havia deixado, perto da base marciana, um pequeno sismógrafo com conexão com o Berço. Dali a vinte minutos recebemos o sinal de uma grande explosão subterrânea.

Espero que, mesmo com esse ataque na área militar, todas as crianças marcianas estejam bem. Nos despedimos com muitos abraços e beijos, acreditando que fizemos o que tinha que ser feito. O mais importante, porém, seria ter destruído totalmente o protótipo do Berço Nazista. Infelizmente, sobre isso não tenho certeza...



B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia 2* (KDP, 2020), *Demiurgo* (KDP, 2020), *O Beijo de Juliana 2ª Ed.* (KDP, 2021) e *Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo* (KDP, 2023). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Passaporte Atemporal* (Editora Carnage) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).



CONTO
POR ROBERTO SCHIMA

A Criação do Homem

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Havia nuvens escuras e distantes no céu.

Na borda de um barranco, Omari descansava. Era tudo o que, agora, ele podia fazer: descansar. Não que sua vida tivesse sido sempre assim, naturalmente. Afinal, para chegar a sua idade, teve que passar por poucas e boas. Inúmeras histórias das quais a maioria, felizmente, fez questão de esquecer. No entanto, recordava-se do tempo em que fora o grande líder de seu clã; as caçadas que realizou, cercando sua presa, encurralando-a. A expectativa. Em seguida, o abate. Daí, viria a divisão da comida. Omari, enquanto chefe, sempre ficava com a melhor porção e, seguindo a hierarquia, os demais abocanhavam a parte que lhes cabia. Se sobrasse algo aos demais, comeriam, caso contrário, passariam fome. Às vezes, os mais fracos não resistiam. Era triste. Mas esse era o seu modo de vida, o jeito que aprendera com seu pai e este, com seu avô. Os fortes precisavam comer do melhor para continuarem a serem os mais fortes e, portanto, obterem sucesso em futuras caçadas. Se fosse hoje, talvez fizesse as coisas de uma maneira diferente. Mas era tarde.

O tempo trouxe sabedoria. Em contrapartida, levou consigo a força, o vigor, a virilidade, a precisão dos sentidos. Devia ter alguma lição de vida sobre isso, uma moral predeterminada, afinal, o grande deus, Muluco, não fazia as coisas sem um propósito.

— Por que nos deu o dom de pensar?

Mas Omari, apesar de velho, ainda não conseguira captar a lição. Devia ser profunda demais para os braços cansados de sua mente poderem alcançar.

Houve uma tarde, quando um jovem muito robusto ousou desafiar sua liderança, um sobrinho. Após uma luta encarniçada, Omari perdeu a sua coroa, por assim dizer, e, com ela, o respeito, o apoio e a dignidade perante os demais. Derrotado, ninguém mais importava-se com ele, exceto sua filha, Lubaya, e a pequena neta, Tahira.

Após algum tempo, de alguém que se alimentava do melhor, passou a viver de sobras e, quando pouco restava, sentira a dor da fome, só não piorada porque Lubaya dividia consigo o pouco que conseguira agarrar.

Havia muito, deveria ter sido abandonado por Lubaya e Tahira. Se fossem sábias, teriam seguido o clã quando Omari não pôde mais acompanhá-lo. Ele teria feito isso. Mas, excepcionalmente, ficaram para trás. Viviam próximos à floresta, onde os frutos e os tubérculos eram abundantes; e os grandes predadores, escassos, pois preferiam os espaços abertos da savana.

Nesse final de tarde, Omari observava a grande planície perder-se na distância com o rio sinuoso a separar a floresta da savana. Disseram certa feita que a correnteza ia terminar na Grande Água, mas, pessoalmente, nunca fora até lá. Via um bando de pássaros a voar, contudo, ele sabia que tanto poderia ser um bando de estorninhos quanto um punhado de moscas esvoaçando diante de seus olhos. Sua vista enfraquecera havia tempos, bem como o olfato. Era velho demais para caçar, subir em árvores, correr pela floresta. Em sendo inútil, por que ainda vivia, somente Muluco poderia dizer, todavia, sempre permanecera calado. Os ouvidos de Omari ainda funcionavam direito e ele escutou os pequeninos passos aproximarem-se. Sorriu.

— Oi, vovô — saudou a pequena Tahira. — Trouxe comida.

— Oi, minha neta. Sente-se aqui ao meu lado.

Ela entregou o pedaço de raiz para o velho e acomodou-se.

Omari mordeu devagar, pois os dentes que restavam às vezes doíam. Sentiu falta de carne macia, porém, não podia ser exigente. Lubaya fazia o que podia. De vez em quando, ela conseguia apanhar um roedor, então, era dia de festa.

Tahira apontou para alguns relâmpagos ao longe, em meio às nuvens sombrias. Estremeceu.

Em algum lugar, caía uma tempestade.

— Tenho medo, vovô... Dos demônios do céu.

— Aquiete-se. Não é época deles virem nos atormentar.

Por um lado era bom porque trazia a preciosa água, todavia, também evocavam terror, pois junto à chuva vinham os espíritos ruins da escuridão, suas luzes pavorosas e seus rugidos ensurdecedores que faziam tudo tremer. Nem sempre os demônios do céu eram tão ruins, contudo, às vezes, suas luzes explodiam árvores, matavam criaturas da terra e faziam o mato queimar. Eram divindades ambíguas: traziam a vida e a morte.

"Como o dia e a noite, o chão e o céu, o frio e o calor, o bem e o mal... Sempre a ambiguidade."

Ao ver a netinha encolher-se toda, Omari trouxe-a para mais perto de si.

— Calma... Hum, vou contar uma história — falou a fim de animá-la.

— Oba! Conta vovô... Conta! — pediu Tahira, sorrindo.

Isso alegrou o coração cansado de Omari, pois, não obstante a memória falha, contar histórias era uma das poucas coisas que ele ainda gostava e sabia fazer.

Tornou a olhar a distância para além da borda do barranco: o firmamento, o horizonte, as grandes planícies. As nuvens escuras pareceram maiores. A enormidade de tudo aquilo fazia-o viajar por lugares distantes, trazendo do passado a voz de seu próprio avô havia muito partido. Suspirou e principiou a falar.

— No início do mundo, Tahira, havia a terra, o céu, as plantas e os animais. Mas Muluco, o criador de todas as coisas, achou que ainda faltava algo e, assim, cavou dois buracos muito fundos na terra...

Os olhos da criança arregalaram.

— Buracos? Que nem cavernas? Eu tenho medo de cavernas. Mãe Lubaya disse que são as goelas de monstros e, se a gente entrar nelas, os monstros fecham a boca e nunca mais saímos.

Meio contrariado, pois a intenção de Omari era acalmar o temor da neta e não despertar outros, continuou:

— Não, Tahira. Em vez de engolir qualquer coisa, desses buracos surgiram duas criaturas.

— "Criaturas"?

— Sim.

Pelo olhar da neta, Omari percebeu que o resultado não foi melhor do que ser engolido por um monstro gigante. Suspirou e apressou-se a acrescentar:

— De um dos buracos surgiu um homem; e, do outro, uma mulher. Era o primeiro homem e a primeira mulher a aparecer no mundo.

— E foi Muluco que fez?

— Foi. Não somente isso. Ele presenteou esse homem e essa mulher com uma terra fértil, onde pudessem plantar, caçar e apanhar peixes. Deu as ferramentas necessárias para construir uma casa, o segredo de fazer fogo, potes de barro para armazenar água e cozinhar a comida, sementes para semear.

— "Plantar"? "Ferramentas"? "Potes"? "Cozinhar"?

— Depois explicarei melhor. O caso é, Tahira, que Muluco deu tudo para o homem e a mulher terem uma vida abundante e feliz. Só que não foram...

— Não? E o que mais precisariam para ser felizes?

Omari deu de ombros.

— Quem sabe... Talvez não fossem feitos para terem tudo fácil. O pior é que nem acharam tão fácil. Não quiseram cortar madeira para fazer uma casa, quebraram os potes para não ter que buscar água, comeram todas as sementes em vez de plantá-las. E largaram aquela terra fértil para viver no meio da floresta, no alto das árvores.

— Foram muito bobos!

— Foi o que Muluco também achou. Não somente isso, ele ficou muito zangado com a desfeita. E, como castigo, procurou e ofereceu as mesmas coisas ao primeiro macaco e primeira macaca que ele também tinha criado.

— Vieram dos buracos também?

— Não sei. O que sei é que o macaco e a macaca aproveitaram tudo o que Muluco oferecera ao homem e à mulher. Ergueram uma casa, começaram a plantar as sementes, usaram os potes para apanhar água e guardar a comida, criaram o fogo para se aquecer. Muluco, vendo aquilo, pensou e pensou. Por fim, decidiu-se. Arrancou as caudas do macaco e da macaca e colocou-as no homem e na mulher que haviam corrido para a floresta. Depois, para os macacos, agora sem rabo, disse: "Doravante, vocês são homem e mulher!". E para o homem e a mulher que ficaram com os rabos, falou brabo: "Daqui em diante, vocês são macaco e macaca!" E foi assim que surgiram os homens e os macacos de hoje.

Pela primeira vez, Omari escutou o trovão. Estranho, por tudo o que sabia, ainda não era época da chuvarada sazonal.

Tahira ficou pensativa um momento. Fitou o avô. Olhou para si. Perguntou:

— E o que a gente tem a ver com essa história?

— Como assim?

— Ora, vovô, nós não somos macacos. Que, de fato, são uns preguiçosos, só esperando os frutos amadurecerem para comer no pé. Nós não temos cauda. Mamãe trabalha muito para conseguir comida e apanhar palha para podermos dormir. Mas nós também... nós não somos humanos!

Omari, o velho chimpanzé, surpreendeu-se com a inteligência e sagacidade da neta.

— Verdade, Tahira, não somos macacos e nem humanos.

— Então, Muluco esqueceu-se de nós? Nós não temos uma história? Não viemos de buracos?

— O que contei aprendi quando era muito moço, antes de sua mãe nascer. Um dia, fui capturado pelos homens, os macuas. Foi lá que aprendi a linguagem deles e ouvi eles falarem sobre potes, fogo e semear a terra. Um dia, eu roí a correia de couro que me prendia, fugi e voltei para o clã. No meu entender, Muluco deixou-nos de fora porque já nascemos perfeitos.

A neta não se convenceu. Injuriada, retrucou:

— Muluco é um tonto!

— Psiu! Não diga isso — advertiu Omari, alarmado. — Ele pode ouvir e ficar zangado.

— Ora, vovô. Os homens usam tudo o que aprenderam para matar qualquer coisa em seu caminho. Queimam a floresta. Envenenam os rios e o ar que a gente respira. São horríveis! Deveriam ter rabo para sempre. Nós não temos rabo, mas não destruimos o mundo. Quando fez os homens, Muluco tava maluco!

Agora, as nuvens escuras posicionaram-se diretamente sobre eles. A ventania levantou redemoinhos de poeira e relâmpagos riscaram o céu.

Tahira apavorou-se com os trovões ensurdecedores e agarrou-se forte ao avô.

Omari gritou para os demônios do céu:

— Perdoem-na! É somente uma criança e não sabe o que diz.

Do alto, acima dos trovões e do uivar do vento, veio a voz retumbante:

— Ela é mais esperta do que você, Omari... E do que eu. Tahira tem razão. Eu nunca deveria ter dado tanto poder ao macaco pelado. Ele perdeu a cauda, mas também a inocência. Errei duas vezes. Não errarei uma terceira.

Omari não entendeu, porém, de uma coisa teve certeza:

Não eram demônios do céu.

Era Muluco!

— Como...

De súbito, um relâmpago atingiu o chimpanzé e a neta em cheio. Houve um clarão terrível e o trovão fez a terra tremer. A poeira subiu numa névoa cheirando a queimado.

Quando a ventania levou-a embora, Omari e Tahira ainda viviam, e, agora, estavam sobre os dois pés! Seus corpos não mais se cobriam de pelos e uma nova percepção fluía pela mente de ambos. O velho não era mais velho e sentia seu corpo mais forte e saudável do que nunca estivera.

A voz do céu ressurgiu:

— Chimpanzés! Fiz de vocês, homens e mulheres. E, para os antigos homens, dei-lhes caudas novas. Ainda estão lá, em suas cidades, sem saber o que fazer, sem saber falar, sem conseguir pensar. Agora, é com vocês. Tornem esse mundo melhor do que os antigos homens fizeram. Recuperem aquilo que eles roubaram ou destruíram. Não me façam retornar, pois não existirá uma quarta oportunidade.

Muluco calou-se.

As nuvens sinistras foram embora.

— Vovô! O que aconteceu conosco? — perguntou a nova Tahira.

— Você escutou. Somos a última oportunidade para melhorar o mundo.

— E o que faremos?

Omari pensou um longo tempo, finalmente, respondeu:

— Vamos para a cidade mais próximas desligar as máquinas e motores, arrancar o asfalto, desmontar as armas... E plantar muitas sementes!

Assim, juntamente com Lubaya, puseram-se a caminho, descendo cuidadosamente o barranco.

NOTA DO AUTOR:

A presente história foi originalmente publicada na antologia "Anansi - Lendas Africanas" (Dark Books, 2020), organizada por Rozz Messias.

ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e cinquenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO . ATENÇÃO . ATENÇÃO

Já são mais de
640 mil seguidores
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit



Ademir Pascale
Escritor e Editor

Site: + de
4 milhões de acessos

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DIVULGUE NA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
98 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura. TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 480 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.09.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd